

# Um Zelador Que Gostava De ler

*A estrada, o campo das abóboras, o lugarejo à margem do Grande Rio de Águas Barrentas.*

Saíra do interior aos dez anos, ou pouco mais ou pouco menos, pois nem ele saberia dizer sua idade correta. No primeiro dos muitos dias de sua epopeia rumo à Capital, viajara em lombo de burro desde antes do sol nascer até pouco depois dele se pôr, com um conhecido da avó, a quem fora confiado sem maiores recomendações, a não ser a de que o chicoteasse quando preciso, e que não emitia outro som além do resfolegar repetitivo de um catarro crônico, puxando por um cipó a montaria escaveirada.

Pararam quando a noite caiu e só quando a noite caiu, sem lua, mas com muitos pirilampos, que ele imaginava serem os olhos de demônios e maus espíritos, esperando que ele, inadvertidamente, permitisse que a protetora fogueira se extinguísse para atacá-lo sem dó, despi-lo, fustigá-lo com ramos de urtiga e arrastá-lo por uma seara de espinhos até o mais oculto da floresta, onde os esperava, luxurioso e baboso, o senhor de todos eles, que comeria seu coração e roubaria sua alma, completamente desprotegida por ser ainda pagã, não só pela absoluta indisponibilidade de recursos da avó para pagar um sacerdote que oficiasse o batizado, como pela simples inexistência de tal profissional por aquelas brenhas.

Concentrado nestes pensamentos aterradores, manteve o olho na luz do fogo e os ouvidos no seu crepitar. Não conseguiu, é obvio, evitar dormir uma vez ou outra. Acordava, então, sobressaltado; constatava que as normas de segurança, por precárias que pudessem parecer, estavam sendo respeitadas, cochilava mais um pouco, acordava, voltava a cochilar e, nessa claudicante vigília, perdeu a noite. De qualquer maneira a perderia, pois seu companheiro de viagem, ou totalmente indiferente ao terrível perigo que ele, menino sem batismo, corria, ou ignorante dele, transformara o que durante o dia fora um chiado de peito num ronco monumental, capaz de estremecer as árvores em volta num raio de muitas centenas de metros.

Ao acordar e perceber que a fogueira se apagara durante o sono ao qual finalmente cedera, imaginou que a única explicação para ainda estar vivo, com coração e com alma, era que isto deveria ter acontecido quando já era dia, como de fato era há pouquíssimo tempo, e quando ele, portanto, já estava totalmente fora de perigo, pois sabe-se que as criaturas malévolas que habitam as matas, notívagas por excelência, tem horror à luz do sol, que as transforma em cogumelos venenosos ou em mariposas sem asas, conforme a natureza dos seus pecados. Ficou extremamente satisfeito consigo mesmo por ter suportado seus temores sem compartilhá-los com aquela criatura a cuja guarda estava confiado, mas que não podia garantir se falava ou não.

Neste mesmo dia, algumas horas mais tarde e algumas estafantes léguas adiante, depois de o descer do burro e o confiar a um senhor envergando uma já muito surrada camisa de mangas compridas, embora enroladas; uma calça que se pretendia branca debaixo de ancestrais camadas de lama marrom, mochila presa às costas por duas alças, e – requinte dos requintes – botinas de couro preto, uma das quais tinha a sola mantida no lugar pelo emprego quase artístico de um barbante, seu primeiro guardião deu-lhe as costas e voltou pelo mesmo caminho, mudo como viera. O burro, pelo menos, dignou-se a lançar-lhe de soslaio um olhar macambúzio, mas tão incisivo, que o marcou para toda a vida. Ele ficou parado na estrada, como que fincado nela, estupefato com a força daquele olhar, até que o burro também voltou-lhe as costas, saindo para sempre de sua vida e indo cuidar da própria, visivelmente já bem próxima de se encerrar. Apesar do caráter quase transcendental desta experiência, que os outros humanos ali presentes não perceberam, mesmo sendo bem mais velhos e mais tarimbados, ele nunca conseguiu definir se era de cumplicidade com sua miséria, como se ambos pertencessem a uma mesma desditada confraria; ou de profunda comiseração para com ela, como se o animal se julgasse de uma casta privilegiada, superior à sua, de pobre menino, a expressão daqueles olhos remelentos e já meio encobertos por uma gelatina esbranquiçada.

Seu segundo guardião revelou-se o extremo oposto do anterior. Tinha um bigodinho ralo e a barba espetando de dias. Faltavam-lhe praticamente todos os dentes, mas os que sobravam eram suficientes para que mantivesse um fiapinho de palha sempre preso à boca. O nariz era quase de anta, não só pela pronunciada curvatura que fazia para baixo e para trás como pelo tamanho incomum e pela notável abertura das narinas, abundantemente preenchidas por pelos, alguns ainda pretos, alguns já grisalhos. As sobrancelhas eram tão espessas e acinzentadas quanto estas vibrissas e quase encobriam os olhinhos miúdos, encravados em órbitas fundas e doentiamente arroxeadas, e nos quais o menino identificaria um relampejar cínico, se tivesse a mais vaga noção do que era cinismo. Completava o vestuário surrado, mas que ao menino teria parecido um traje de príncipe se ele soubesse o que era um príncipe, com um chapéu do tempo que havia cangaço lá pelas bandas do sertão, cujos buracos de bala dos tiros das volantes ele exibia como troféus de guerra e prova de que tinha o corpo fechado, e que poderia, apesar deste estado esfrangalhado, ter servido para proteger o menino do sol impiedoso se lhe tivesse ocorrido oferecê-lo. Tampouco lembrou-se de carregar a trouxa, cujo bastão no qual estava atada já começava a produzir pústulas nos ombros do menino, por mais que ele procurasse revezá-los. Mas era camarada e o menino, que não esperava mesmo tais cortesias, gostou dele imediatamente. Não ia à frente como o outro, afetando superioridade hierárquica, nem mantinha silêncio como se tivesse ódio do mundo. Caminhava lado a lado com o menino, tagarelando de maneira compulsiva, mudando de um assunto para outro, deste para outro, para outro, para inúmeros e depois os abordando de novo, só que em ordem inversa, até retomar a narrativa original, com precisão absoluta e como se nada tivesse acontecido. Essa sua prosódia de vaivém fascinou o menino, que, embora tivesse ocasionalmente avistado

alguns, jamais convivera com outro ser humano que não a avó, perdida numa introspecção tão misteriosa quanto amarga, e não imaginava que fosse possível falar tanto.

Logo, porém, o fascínio foi se esvaecendo. Mesmo que o menino tivesse um vocabulário mil vezes mais rico do que o que tinha, e que era formado pelas palavras imprescindíveis para se comunicar com a avó, o que ele fazia sempre em tom baixo, entre o respeito e o medo, não poderia compreender o que o homem dizia, pois sua dicção era prejudicada pelos dentes faltantes e pelo fiapinho de palha que o impedia de abrir a boca como necessário; seu sotaque era impreciso, de todos os lugares e ao mesmo tempo de lugar nenhum; usava tantas palavras que não existiam na língua e pronunciava as que existiam de maneira tão incompreensível que o menino, se não chegou a entender que aquele diálogo era, na verdade, um monólogo, sentiu as conseqüências disto nos tímpanos. Para piorar, andava a toda brida, sem se lembrar que as pernas do menino eram muito menores, muito mais curtas, muito mais finas; que as sandálias do menino, bem menos resistentes que suas botinas, por remendadas que estas pudessem estar, já começavam a se desfazer no chão de pedregulhos; que, se podia suportar a sede sem parar de falar nem um minuto, o menino, mesmo calado, já sentia uma tremenda tontura. Não ousava, no entanto, pedir ao homem que desarrolhasse a moringa que trazia a tiracolo, não só porque, no convívio com a avó, nunca consumira sólido ou líquido, por mais que desejasse e precisasse, sem que ela tomasse a iniciativa de lho oferecer, como o outro não dava uma pausa para que pudesse fazê-lo.

Ao meio-dia, pararam sob a sombra flácida que uma amendoeira, igualmente flácida, projetava numa encruzilhada, para profundo terror do menino, que sabia perfeitamente bem que, num tal lugar e numa tal hora, as almas penadas apareciam disfarçadas de mendigos andrajosos e de mãos lazarentas, para arrastar para a danação eterna os que não tivessem tabaco para lhes oferecer. Qual não o foi seu alívio ao ver que, entre os parques mantimentos que o homem tirou de dentro de um lenço amarrotado, de cor indefinível debaixo de uma imensa pátina de sebo, havia um belo e lustroso rolo de fumo de corda. O alívio logo passou e foi substituído por um terror ainda maior, pois o menino imaginou que, ao invés de ser o óbolo apropriado para assegurar-lhes a tranquila continuidade de sua viagem, aquela rodilha amarronzada, com seu odor acre, poderia, justamente e ao contrário, atrair as aparições que tanto temia. Tremia tanto, diante desta suposição não de todo inconsistente, que praticamente todo o punhado de farinha caiu-lhe da mão antes que o pudesse ingerir e, sem poder mastigar a rapadura de tanto que lhe batia o queixo, perdeu grande quantidade dela, em grossos fragmentos que transbordavam dos cantos de sua boca. Beber a água, ainda que quente e limosa, que o homem finalmente lhe ofereceu, no entanto, foi um prazer tão grande que se esqueceu do medo por instantes. Mas, assim que consumiu os racionados goles a que tinha direito, urinou-se incontrolavelmente. Ao invés de esbofeteá-lo como o menino temia que fosse fazer, o homem, passado o susto inicial, limitou-se a rir; depois do riso, zombou dele por fazer nas calças com o mundo todo à sua disposição e logo se reergueu, dando a entender que a caminhada deveria ser retomada, o que, apesar das feridas nos ombros, das bolhas nos pés, da fome persistente, da sede insatisfeita, das calças grudentas de urina e do zumbido nos ouvidos causado pela

interminável palestra do homem, era melhor, incomensuravelmente melhor, do que permanecer, um segundo que fosse, naquele lugar amaldiçoado, cheio de perigos que superam a compreensão humana. Melhor ainda era saber que sentira medo e que, por mais que tivesse procurado evitá-lo, o tinha demonstrado, mas que, ainda assim, guardara avaramente a razão dele. Revelar ou meramente deixar transparecer a alguém, quem quer que fosse este alguém, aquilo que lhe causava medo, seria colocar-se inteiramente à sua mercê, disto ele tinha plena consciência.

Ia para a Capital aprender a ler, embora não tivesse a menor ideia do que fosse uma cidade, pois as descrições que a avó fazia de uma eram ainda mais fantásticas do que as criaturas que à noite – ou ao meio-dia, a depender – saiam do mundo delas para o dele, com o intuito deliberado de aproveitar o menor descuido, a menor distração, o menor equívoco – um tartamudeio numa reza, a inadequação de uma conjura, um exorcismo errado, um amuleto inútil, uma erva escolhida erroneamente – para fazer-lhe mal. De forma que, no fundo das imensas, espessas, inumeráveis camadas superpostas do seu medo, lá embaixo, ia um medo por esta assombração chamada cidade. Tampouco conseguia atinar o que poderia ser ler. Não era acordar de madrugada, percorrer feito louco, entre lobisomens e fantasmas, a curta extensão entre a choupana caindo aos pedaços e o cercado das cabras que deveria ordenhar. Não era repetir as gaguejadas orações que a avó lhe ensinava, embora sem conseguir explicar-lhe satisfatoriamente nem sua origem nem seu significado, e em cuja capacidade de defendê-lo tinha uma vaga fé, que não chegava para varrer o medo. Não era rachar lenha, descendo o machado rápido, olhando por cima dos ombros para ter certeza que não estava prestes a atacá-lo algum habitante das dimensões misteriosas. Era algo de relevo e peso, com certeza, pois o tirava de seu tosco lar e da companhia da avó, no fundo protetora, para lançá-lo ao mundo a respeito do qual nada sabia, mas que já começava a perceber que era bem grande.

Recuperado do medo que sentira durante a refeição e tendo conseguido adaptar, na medida do possível, suas reduzidas forças ao ritmo forte que seu acompanhante imprimia à caminhada, ia procurando não ouvir o que ele dizia, para poder ir remoendo essas dúvidas angustiantes, quando viu, a poucos metros, algo que realmente era capaz de lhe provocar uma sensação para a qual a palavra medo parecia extremamente insatisfatória. Experimentou um terror tão grande, tão envolvente, tão abrasivo que, para livrar-se daquilo que o desencadeava, correria de bom grado para os braços descarnados das assombrações mascaradas de fumo que deixara para trás na encruzilhada.

Entretido com o interminável discurso que fazia para si mesmo, o homem não teria se dado conta do perigo, se o menino não tivesse estacado de repente, hirto, rígido e gelado como um monolítico *iceberg* fincado em meio àquela vastidão de terra esturricada, onde outrora houvera uma floresta impenetrável, mas que, após a passagem da motosserra dos asiáticos, era permeada apenas, aqui e ali, por moitinhas espinhentas, árvores anãs e arbustos carcomidos.

A cobra deveria ter uns bons três metros de comprimento e era verde. Havia algo de obsceno naquele verde. Era nítido demais, reluzente demais, numa região de onde todo o verde tinha sido banido, para não ser um acinte para com o marrom onipresente, ainda que multiplamente matizado. Sua cauda, se é que se pode chamar de cauda a parte final do tubo comprido que, em última análise, toda cobra é, estava placidamente enrodilhada, como se ela estivesse adormecida até bem pouco tempo, tivesse acabado de despertar e se preparasse para percorrer os desérticos domínios onde com certeza imperava, quando foi surpreendida por aquele humano insolente e sua cria. O resto de sua viscosa silhueta, robusta embora esguia, cruzava a trilha. Erguera a cabeça e seus olhos em forma de diamante, mas esmeraldinos como todo seu corpo, mostraram irritação, talvez apenas enfado, mas medo nenhum, sequer receio.

O homem inclinou-se um pouco para frente, enquanto afastava o menino com a mão espalmada, tudo isto com tanta lentidão quanto lhe era possível. Deu dois passos para a frente, calculadamente curtos e suaves, posicionando-se na frente do menino e ocultando-o com seu corpo. Não disse ao menino que não se movesse e nem precisou, pois nada conseguiria tirá-lo de uma paralisia de quem a viu Medusa, cuja cabeleira, como se sabe, era composta de muitas cobras mais. A cobra jogou a cabeça um pouco para trás, pela primeira vez desconfiada, mas não ainda inquieta. A consciência de seu poder a fazia arrogante e seria demais para a alta conta em que se tinha, supor que aquele ser ridículo e inferior teria a audácia de atacá-la. Sibilou um silvo *pro forma*, tremendo a língua bifurcada, menos como ameaça real do que como simples advertência. Mas havia algo naquela criatura híbrida de homem e anta, que, se não chegava ainda a ser perigoso, já começava a ser suspeito. Aborrecida com este desgaste inesperado, a cobra resolveu adotar os procedimentos corretos para um combate iminente, por muito que o oponente não parecesse capaz de combate algum e muito menos com ela. Ergueu-se quase toda, apenas dois ou três anéis mantendo-se no solo, uns por cima dos outros, formando uma base para que o resto do corpo se esticasse rumo ao céu com a precisão de uma escada magirus. Assim verticalizada, como uma figura de apóstolo num mosaico bizantino, perpendicular à estrada e voltada para os que a iam percorrendo até terem quase esbarrado com ela, era como uma lança verde fincada na terra crestada, um estandarte que algum santo cruzado tivesse esquecido pela trilha durante sua belicosa peregrinação para a Terra Santa. Era de uma imponência majestosa, inconfundivelmente desafiadora em seu silêncio e na fixidez de seu olhar hipnótico. Mas o homem, estúpido, não entendera o aviso e não parecia disposto a aproveitar a oportunidade que lhe tinha sido magnanimamente oferecida. Ofendida com tamanha petulância, a cobra escancarou a bocarra, as presas vazando peçonha relampejaram um átimo, ao serem atingidas pelo sol. O menino correu.

A distração do homem com a corrida do menino foi a chance que a cobra esperava. Contrariando, na prática, a difundida crença de que uma cobra não pode dar um bote maior do que um terço de seu comprimento, o réptil usou como uma mola os anéis que até então mantivera enrodilhados, lançando-se todo no ar, cobrindo uma distância de metros perfeitamente esticado, como uma seta que avança rumo ao alvo, paralela ao chão, sobre o qual projeta sua sinuosa sombra.

O homem não levou mais do que uma fração de segundo entre olhar para trás, por cima de seu ombro, perceber o menino desaparecido em meio a uma nuvem de poeira que corria para o horizonte com velocidade espantosa, e voltar a olhar pra frente, mas, quando o fez, as mandíbulas da cobra se fecharam a uma distância ridiculamente mínima de seu nariz de tapir, fazendo um *clac* assustador e respingando gotículas de veneno que o teriam cegado se as sobranceiras peludas não as tivessem aparado antes que, chegando ao fundo das órbitas, atingissem os olhinhos ali acoplados.

No ínfimo tempo que a cobra levou para desabar ruidosamente no chão, o homem conseguiu pular. O corpo do animal atingiu o solo no mesmíssimo momento em que os pés do homem voltaram a se fincar nele, alguns estratégicos passos atrás. Temporariamente a salvo de um novo ataque do seu agressor, graças não só à distância que, no desespero, conseguira estabelecer entre eles, mas aos preciosos segundos que estava ganhando, enquanto o réptil se recompunha do salto e da queda, o homem, sem acreditar que escapara por tão pouco e já começando a se desesperar, procurou com que se defender. Num relance, pensou ter percebido algo brilhando numa touceira à margem da trilha.

O menino parou de correr, olhou para de onde tinha corrido, viu, longe, as silhuetas do homem e da cobra se destacando, contorcidas, numa grotesca paródia de reprogravuras baratas das lutas de São Jorge com o dragão, contra o abrasador céu crepuscular. Ia anoitecer!

O menino reavaliou sua situação diante deste novo dado, que a tornava ainda mais apavorante. Se perdesse seu protetor, seguramente que a cobra, conhecedora do terreno, caçadora tornada ainda mais implacável pela sede de vingança contra os que a incomodaram, não descansaria enquanto não fizesse dele sua próxima vítima e repasto. Mas isto não era nada, visto que, com a chegada da noite, chegariam também todas as criaturas assombrosas das quais, até então, tinha conseguido milagrosamente escapar e que nem precisariam da ajuda da cobra para dilacerá-lo. Mesmo que o homem triunfasse, o que era altamente improvável, o tempo que ambos levariam para percorrer a distância que já os separava seria maior do que aquele que o sol levaria para desaparecer no horizonte e, quando o homem chegasse a encontrá-lo, se é que o faria, só lhe restaria recolher, para entregar à avó, envoltos no seu lenço enebado, os ossinhos raquíticos, devidamente mastigados por todas as caveiras do outro mundo. De nada adiantaria fugir, então. A cobra, a noite, as assombrações, monstruosa combinação de forças contra uma criança, dariam cabo dele.

O homem estava caído. Com um cotovelo apoiava-se no cascalho, enquanto a outra mão brandia a velha e furada pá sem cabo, que era o que o mato ocultava, contra a cobra sordidamente enlaçada em sua perna esquerda e avançando contra seu rosto, já saboreando o golpe final. Foi cegado por um líquido viscoso e quente que, desta vez, realmente atingiu seus olhos, lembrou a vida desde que se dera por gente até aquele bem exato momento, lamentando não poder falar abundantemente disto tudo neste mundo antes de partir para o outro; entregou a alma, sabendo que era inútil esperar misericórdia; viu a luz amarela,

sentiu o líquido escorrer por seus lábios e língua, percebeu que tinha gosto ferroso. Não, aquilo não era veneno. Abriu os olhos, primeiro não acreditou que estivesse vivo; depois, não acreditou no que viu.

Com o cérebro transbordando de uma fenda do alto da cabeça como sorvete de framboesa de uma taça generosamente servida, a cobra ainda procurava lutar às cegas, golpeando a torto e a direito com suas presas para sempre temíveis. Mas o ódio contra o bicho que poderia privá-lo do único adulto supostamente capaz de protegê-lo, misturado com o medo de ficar sozinho e totalmente à mercê da invencível entidade que a cobra formaria com seus piores inimigos, mais a pressa de agir antes que a noite os trouxesse, fazia o menino esquivar-se com a habilidade de um Arthur no melhor de sua forma e manejar o galho de angico em suas mãos como se fosse uma possante Excalibur.

Um golpe seco, dado com as duas mãos segurando firme a improvisada arma, quebrou a espinha do réptil, ao atingi-lo no flanco. A cobra percebeu-se vencida e morta, mas, brava combatente que era, apesar de sua evidente perfídia, não se entregou. Não era mais medo que o menino sentia, porém. O medo estava ali, a seus pés, incorporado numa serpentina de escamas verdes, confusamente emaranhada em si mesma, corcoveante em sua agonia, banhada no próprio cérebro, misturando o veneno que vertia em vão com o sangue que lhe saía farto das inúmeras feridas que o menino já lhe fizera e das que não parava de fazer com golpes ritmados, orgásticos. Batia nos lobisomens que uivavam ao longe, fazendo-o, não raras vezes, erguer-se num sobressalto, do catre de varas que dividia com a avó, lavado em suor gelado; nas mulas-sem-cabeça cujo bafo via iluminar a noite por entre as árvores e que o faziam correr, alucinado, para a frágil segurança da choupana; nos esqueletos que rondavam o ranchinho, impedindo-o de dormir com seu caminhar chacoalhante. Batia em fantasmas, vampiros e almas penadas; batia em duendes, sacis e boitatás; batia em caiporas, *trolls* e múmias; batia em zumbis, grifos e esfinges; batia em basiliscos, lobos e mantícoras, batia em sereias, harpias e minotauros. Batia em todos os medos que o homem sentira desde que não conseguira explicar os ruídos apavorantes na escuridão das cavernas e que lhes foram sendo legados, modificados, adaptados, acrescidos de novos e horripilantes detalhes, geração após geração, até chegar nele e enlouquecê-lo, cada vez que se via sozinho na capoeira, cada vez que tinha que se embrenhar na mata para cumprir alguma tarefa que a avó indiferentemente lhe confiava, cada vez que a noite tragava o mundo no seu voraz vórtice de incompreensibilidade.

Terminado o massacre, largou o lenho, correu, desceu um abrupto declive, disparou rumo ao nada, sem mesmo saber por quê. Mal refeito de tantas perplexidades encadeadas, o homem correu atrás dele. Continuaram correndo, o maior atrás do menor, até que chegaram a um campo com estranhas formas emergindo em profusão de uma vegetação rala, formas cuja coloração de intenso amarelo ia explodindo em matizes sob a incidência oblíqua do sol que se despedia ao longe. O menino tropeçou numa dessas formas, caiu, o homem caiu sobre ele, aproveitando para contê-lo, segurando seus pulsos com força suficiente para imobilizá-lo sem o machucar. O menino se debatia, o homem procurava consolá-lo; por fim, rompeu em pranto, o homem abraçou-o. Deitaram-se, o menino aconchegou-se no

peito do homem, que aceitou o pedido de acolhida, grato a ele e orgulhoso dele. Dormiram profundamente, em muito pouco tempo. O menino não tratou de vigiar a noite, pela primeira vez em muitas noites. Seus medos jaziam num monturo informe e ensanguentado de escamas esmagadas, vértebras partidas, carne dilacerada, abandonado numa estrada de terra que ficara para trás; conquistara sobre eles, seus medos, o direito de um sono finalmente sem sustos.

Acordaram e viram-se no meio de uma interminável multidão de abóboras espalhadas ao léu como minas num campo de batalha. Abóboras cujas dimensões variavam do acanhado ao colossal, os formatos desde o arredondado previsível até inverossímeis curvas de Moebius, passando pelo oblongo enigmático de bolas de *rugby*. Uma coisa, porém, não variava, o tom ofuscantemente escuro de sua cor de abóbora. Comeram algumas, e o homem logo se propôs a falar. Surpreendentemente, calou-se antes que a primeira sílaba saísse de sua boca. Pretendia transformar a aventura do dia anterior numa narrativa de dimensões homéricas em louvor à coragem do menino. Mas algo dentro dele lhe disse que esta fora tão grande e tão bela que qualquer palavra a desmereceria. Limitou-se, então, a erguer-se e a erguer o menino. Pensou em carregar-lhe a trouxa, mas não encontrou trouxa nenhuma e, mesmo que qualquer um dos dois se dispusesse a ir procurá-la no palco de seu pânico, não poderiam fazê-lo, pois não tinham a menor ideia de onde se encontravam, tanto e tão desarvoradamente que correram terreno desconhecido adentro. Mas, depois de procurar, achar e levar à boca outro fiapinho de palha, o homem passou a mão por cima dos ombros do menino, com isto o fez o menino mais feliz do mundo e, assim, os que tinham sido apenas companheiros de viagem e agora eram muito mais que isto, caminharam sempre em frente, sem saber por quanto tempo o fariam nem aonde iriam dar.

Três dias seguiram caminhando e tantas abóboras viram que o menino chegou a se perguntar se seria assim tão grande o mar que a avó tinha lhe descrito como algo que não acabava mais. Comeram abóboras e às vezes as acharam doces, outras azedas, outras amargas. Puseram terra nelas para as sentirem também salgadas e terem a impressão de que tinham o cardápio mais variado que se podia ter. Espremeram-nas e beberam seu suco. Em nenhum destes três dias, o menino sequer se lembrou de seus antigos terrores. Ao contrário, ao encontrarem as inevitáveis cobras, não tão descomuns quanto a que apodrecia na estrada, mas nem por isto menos peçonhentas, era o menino quem as trucidava a cacetadas, a ponto do homem se abster de eliminar uma respeitável cascavel de doze anos, que avistara perigosamente próxima à moita onde tinha ido se aliviar de tanta abóbora, delegando ao menino a função de apedrejá-la como a uma mulher adúltera condenada pela lei mosaica, o que o menino fez com irretocável pontaria, e, para um observador mais bem-informado, com certa dosagem de sadismo.

O homem podia ser ignorante e analfabeto, falar errado, mas não era tolo. Sabia que a agitação do menino na encruzilhada, sua pressa em comer e beber, seu alívio ao sair dali, tudo isto só podia se dever a um medo inconfessável; que a mera visão da cobra não bastaria para paralisá-lo como o fez, a não ser que a sua capacidade de sentir medo fosse fora do comum; que sua fuga desabalada após a memorável vitória sobre o monstro só



poderia se justificar pelo preço cobrado em nervos por um esforço sobre-humano, que fora necessário para superar o pavor que o devorava. Começou a ficar difícil caminhar entre as abóboras, tão abundantemente elas brotavam do nada.

Agora, entretanto, o menino parecia outro. Era desinibido, andava mais rápido até que o homem, subia nas abóboras maiores e, como um marinheiro na gávea, observava o horizonte na tentativa de descobrir onde estavam, sempre vendo apenas mais e mais abóboras. Chutava as menores com a desinibição de um centroavante nato diante da meta, e lançava as mais curvas ao ar como se fossem bumerangues, embora nunca tivesse ido a um estádio e tampouco soubesse que bumerangues existissem. Pisoteava lacraias e escorpiões com os pés nus mesmo, pois as sandálias há muito haviam se desfeito, e parecia sentir prazer naquele esmigalhar, como se estivesse se desforrando de antigos algozes. As abóboras, além de numerosas, foram ficando maiores e maiores.

À noite do quarto dia, o homem acendeu a fogueira e rezou para saírem logo daquele leguminoso inferno, pois gastara com isto seus últimos fósforos. Foi quando ouviu, vindo de fora do modesto raio de luz que as chamas lançavam, um som que era mais do que um latido, mas que não chegava a ser um uivo. Levantou-se, instintivamente, não viu nada. Lembrou-se de procurar o menino só para perceber, surpreso, que ele se afastara da fogueira, irresponsavelmente mergulhando nas trevas. O homem não precisou se dar ao trabalho de procurá-lo, pois, antes que sua ausência pudesse ser considerada inquietante, o menino reentrou no fecho de luz trazendo nas mãos uma estranha forma cinzenta. Era uma raposa da qual o menino conseguira se aproximar o bastante para quebrar-lhe o pescoço com um golpe que não sabia que era de jiu-jitsu e que comeram com pedaços de abóbora levados às brasas na ponta de espetos improvisados.

Mas a prova definitiva viera pouco depois, quando já tinham se acomodado no pouco terreno que as abóboras deixavam livre. Soou na noite o piado lúgubre do rasga-mortalha, prenúncio inconfundível de morte. O homem, que até então só demonstrara medo diante da cobra, mas que mesmo assim a enfrentara, levantou-se num sobressalto de seu leito de pedras. O menino acharia que seu rosto estava lívido como o dos fantasmas de Munch, se acaso soubesse da existência de Munch; seu queixo sacolejava incontrolavelmente, não só para baixo e para cima como também de um lado para o outro, os poucos dentes remanescentes produzindo um baticum engraçado; um suor, mais frio e mais abundante do que o que o lavara no combate da estrada, descendo de suas espáduas. Indiferente ao segundo pio, que produziu no homem um efeito ainda mais devastador, o menino, deitado mesmo, esticou o braço pra fogueira moribunda, recolheu alguns tições, e, rápido, antes que sequer o chamuscassem, os lançou na noite, na direção de onde parecia vir o agouro, se dando por satisfeito com um farfalhar de asas que se afastavam, virando pro lado e dormindo sobejamente. Não, não havia dúvida: aquele menino não tinha medo de nada.

Quando acordaram, o humor do homem era o melhor possível. Encarava o esconjuro do rasga-mortalha na noite anterior como um prenúncio claro que saíam do labirinto em que

estavam antes mesmo que o dia acabasse. E tinham que fazê-lo logo, pois as abóboras pipocavam por todos os lados e cresciam tão incontrolada e incomensuravelmente que logo acabariam por sufocá-los. Eram do tamanho de bois, de carros de bois, do tamanho de casas. Algumas, eles tinham que escalar como quem escala penedos, em cima de outras poderiam dar um jantar; outras, o menino acharia que serviriam à perfeição para Polifemo lançar sobre a nave de Ulysses, se algum dia tivesse ouvido falar neles e na desavença entre eles. Irritado com sua proliferação e seu crescimento, perceptíveis a olho nu, o menino esmurrou uma delas, o pequeno punho fechado penetrando na polpa macia e dela saindo lambuzado. Continuaram caminhando, o homem sabia que o menino a quem, a princípio, deveria proteger, tornara-se seu talismã e iria levá-lo para fora daquele campo irreal.

De fato, as abóboras foram tornando-se gradativamente menores e também se espaçando, até que adquiriram tamanho normal e mesmo mirrado e sua quantidade ficou absolutamente dentro dos limites do aceitável; começaram a se tornar raras, desapareceram de todo, dando lugar a uma graminha que foi ficando cada vez mais rala até ser substituída por um areal áspero que se estendeu por vários quilômetros, mas ao fim do qual, para grande alegria de ambos e em total conformidade com as expectativas supersticiosas do homem, chegaram antes que o dia se tornasse noite, como o indicava uma cerca de mourões e arame farpado, sinal inequívoco de civilização, que surgira subitamente diante deles e que contornava uma estradinha estreita e cascalhenta, que se estendia a perder de vista, mas que deveria, forçosamente, dar em algum lugar.

Se jogaram por cima da cerca como se fossem uma dupla de tenistas que tivessem acabado de ganhar Wimbledon e saltassem a rede para satisfazer a hipócrita formalidade de cumprimentar os adversários vencidos. Ao sentir os pés novamente em cima de uma estrada de verdade, ainda que rústica, o homem recuperou sua antiga tagarelice, mas o menino já nem se lembrava que um dia sentira medo do que quer que fosse.

O homem deveria levá-lo à orla do Grande Rio de Águas Barrentas, para entregá-lo a uma velha que o acompanharia num barco até a Capital, onde ela própria tinha negócios a resolver. Lá chegando, trataria de colocá-lo sob a guarda de um tio distante, seu outro único parente vivo, além da avó, a quem o menino entregaria seu tesouro secreto: o pouco dinheiro que o pai e a mãe haviam conseguido amealhar no cultivo da borracha antes que o desmatamento os atirasse numa miséria ainda maior e a febre terçã alistasse a ambos na hoste das almas que o menino um dia temera tanto. Nem mesmo o homem sabia que o menino levava este dinheiro. Guardara-o durante toda a viagem, dentro de uma bexiga de boi amarrada firme contra o peito. Todavia, não era lá grande coisa. Daria apenas para garantir-lhe a matrícula em alguma escola improvisada, por alguma professora entrada em anos, na casa dela mesmo, para complementar-lhe a ínfima aposentadoria. As mensalidades seguintes ele mesmo deveria trabalhar para pagar. Era de se esperar que o tio não lhe cobrasse teto e comida, pelo menos não neste primeiro mês.

Quando finalmente avistaram o rio do alto de uma colina, o menino maravilhou-se com toda aquela água junta, um oceano marrom cuja margem oposta era invisível, tão encorpado em sua condição líquida quanto um bom caldo de guaiamuns, esparramando-se com perturbadora lentidão por uma extensão tão grande que fazia o interminável campo das abóboras parecer um prosaico jardim.

Mas não só o rio o fascinou, pois às suas margens estendia-se o mais impressionante ajuntamento de construções que o menino jamais vira, a mais ridiculamente modesta dentre elas parecendo-lhe monumental em comparação com a choupana onde nascera e vivera até partir na sua inenarrável jornada. Não, ainda não era uma cidade. Seria ridículo chamar assim àquele povoadinho de esgoto a céu aberto e sem calçamento, vivendo em função da passagem do barco, com suas vendinhas e quitandas acanhadas, que quase não conseguiam fazer concorrência à feirinha permanentemente ativa, a oferecer uma variedade muito maior de produtos, alguns vindos da Capital, como bonés de times eternamente condenados ao limbo da terceira divisão, uísques cujos rótulos vistosos disfarçavam sua falsificação e preservativos lubrificadas, coloridos, comestíveis; outros, cultivados nas próprias rocinhas dos feirantes, como raízes de inhame que despertavam fantasias nas solteironas, espigas de milho não menos capazes de fazer o mesmo por serem mais discretas, e hortaliças mais bem-comportadas, quase pudicas; outros, ainda, arrebatados à mata, como ervas supostamente afrodisíacas, palmitos roliços e brilhantes em sua alvura e castanhas cuja pequenez as fazia indesejáveis para os exportadores, e até mesmo um monstruoso e plácido bicho-preguiça, cuja serventia era verdadeiramente difícil de imaginar; com seus prostíbulos infames onde crianças de ambos os sexos se entregavam em troca de quase nada, ou mesmo de nada, ou mesmo de nada mais alguns tabefes pra aprender a não reclamar; com sua igreja católica construída em madeira e caindo aos pedaços e suas igrejas alternativas das mais estapafúrdias denominações, instaladas nos espaços mais improvisados, seus pastores tentando, em performances públicas marcadas pelo histerismo, angariar prosélitos dispostos à contrição em meio à onipresença e muito mais convidativa depravação. Sem dúvida, “cidade” seria exagero. Mas era uma antevisão concreta do que uma cidade poderia ser. E superava em muito as mais delirantes especulações a este respeito a que o menino se entregara desde que a avó lhe dissera que iria para uma, sem lhe consultar se queria.

O homem experimentava um orgulho inebriante. Fizera um favor ao seu conhecido, que era conhecido da avó do menino, e nada constava em sua conduta de reprovável, muito pelo contrário. Entretivera o menino com piadas e causos, embora o menino não os entendesse e sequer tivesse se dado conta de que se tratavam de piadas e causos. Enfrentara a cobra, pouco importando se a iniciativa do enfrentamento tivesse partido dela e seu desfecho favorável se devesse exclusivamente à bravura do menino e à sua perícia com o bastão. Guiara o menino pela mais esquisita horta de que jamais se tivera notícia, apesar de que os bichos venenosos que por aí surgiam era o menino que matava, que a única carne que comeram foi o menino que providenciou, que o rasga-mortalha que o apavorara fora o menino que escoraçara, que tinham encontrado a saída por mero acaso e não por seu senso de direção e que ele quase nunca conseguira arranjar água para que bebessem e nunca para

que se lavassem. Recebera o menino calçado, levando uma trouxa, há só um dia sem banho e com roupas aceitáveis como limpas. Entregava-o descalço, com os pés em bolhas, privado de sua pouca bagagem, pele e lábios escalavrados pelo sol, maltrapilho e fedoroso. Mas a sensação de dever cumprido ele tinha e ninguém iria tirar-lhe isto.

Dizer, porém, que não desenvolvera um afeto todo especial por aquela criança seria, no mínimo, injusto. Gostava do menino, dos seus dotes de combatente que permaneceram insuspeitos até que a necessidade os trouxe à tona; de sua abnegação de bom macho, que sabia enfrentar as vicissitudes de uma viagem dura sem nunca reclamar, forçando os cambitos para acompanhar as passadas de um homem feito, muito maior, mais velho e mais forte; de sua desenvoltura e seu autocontrole no enlouquecedor campo das abóboras. Mais: o menino o tinha abraçado forte, assim que pisaram a terra da estrada do outro lado da cerca. E sem que ele o pedisse.

Depois de ter entregado o menino à velha, que se queixara violentamente do seu estado e da demora que a fizera perder o barco, que só aparecia naquelas plagas de semana em semana, o homem foi buscar e achou um lugar onde pudesse tirar o pó e o suor de tantos dias de insana peregrinação, barbear-se, aparar o bigodinho, num laivo de vaidade aparar também as sobrancelhas, mas não os pelos das narinas; trocar de roupa, incinerando as que trazia, depois de se perguntar se valeria a pena mandar lavá-las. Para esquecer a carne rançosa da raposa, ainda mais que comida sem tempero, pediu um pouco de tudo: frango, preá, tatu, jacaré, jiboia, cabra, camarões e arraias de rio, até boi, só se tornando agressivo com a atendente quando ela lhe ofereceu abóbora. Mandou lustrar as botinas, explicando ao engraxate como recolocar o barbante depois da faxina. Extravasou a tensão acumulada vertendo caudaloso sêmen dentro de uma cablocazinha recém púbere, a quem pagou barato e que, sem que ele soubesse, acabara de lhe transmitir uma moléstia que não tardaria a abrir-lhe a genitália em escrófulas.

Quis reencontrar o menino, despedir-se dele, dar-lhe conselhos, ensinar-lhe o que é ser homem e como tratar as mulheres, explicar-lhe como é a vida e contar-lhe os segredos, truques e golpes dos quais lançar mão para se proteger de perigos que o menino jamais sonhara existir, todos bem reais, todos de carne e osso. Achou-o lavado e pimpão; o cabelo, há pouco coberto por uma crosta de poeira, gravetos e folhinhas, rescendendo a água-de-cheiro comprada barato na feirinha, esticado a ferro e mantido esticado à custa de brilhantina. Uma camisa mais com jeito de bata, embora dura de goma, não conseguia tapar totalmente a barriga que anos de verminose projetaram irre recuperavelmente para diante. As calças, visivelmente reaproveitadas, eram curtas demais e tão apertadas que se rasgariam nos fundilhos se ele se inclinasse para recolher alguma moeda perdida, mas os pés estavam calçados em tamancos, que, por rústicos e toscos que fossem, eram tamancos de verdade. Até mesmo uma sacolazinha de palha a velha lhe arranajara, recheando-a com os novos e parcos pertences com os quais o menino iria iniciar sua vida de estudante citadino. Estava de pé ao lado dele, mão protetoramente passada sobre seu ombro, o orgulho pelo pupilo fazendo-a empertigar-se o máximo que o peso dos anos lhe permitia. Entregou-o ao homem como uma mãe entrega o filho ao compadre para um passeio

domingueiro no parque, e compadre da velha e padrinho do menino o homem se sentiu, mas a sacolazinha de palha, no último momento, a velha achou melhor conservar consigo. O menino resistiu, parecia até que algo de inestimável valor estava guardado ali dentro. Mas a doçura da velha pareceu-lhe tão autêntica que ele finalmente acedeu.

O homem tinha pensado em comprar roupas para o menino, mas a velha já comprara; tinha pensado em dar-lhe sapatos decentes, mas o menino já os tinha. Sentiu-se envergonhado por dentro pela ideia da sacolazinha sequer ter lhe ocorrido. Pensou que poderia, então, levá-lo ao zoológico, mas o único que um dia houvera por ali só tinha exibido patos triviais, perus famélicos, um grupo de galinhas caipiras com uma esquisita inclinação para o lesbianismo, e, como atrações máximas, um quati permanentemente bêbado, um gato-domato manco de um lado e caolho do outro e uma seriema sem penas. Depois que o dono enlouquecera e se jogara nu nas águas do rio, só se lembraram de alimentar os animais engaiolados quando todos já estavam mortos e mumificados pelo calor. Pensou em levá-lo à roda gigante que um dia tinha sido o orgulho do vilarejo, mas lembrou que o medo que as moças a princípio sentiram, ao verem-se penduradas nas cestinhas, não fora, contrariando todas as expectativas, curado pelo hábito, a ponto de nenhum namorado mais se atrever a convidá-las, e o empresário, sem meios para tirar dali a si próprio e ao seu trambolho, deixou-o para trás, tão abandonado quanto um intraduzível menir, até que a implacável corrosão da ferrugem o transformou num amontoado de escombros descolorando. Pensou em levá-lo ao circo, mas este tinha sido queimado pelos machões locais, tomados de incontrolável fúria depois que as beatas demonstraram incontestavelmente que a *partner* do mágico, que exacerbava a libido de toda a população masculina, enfiada num elástico *maillot* alantejoulado, era, na verdade, um sórdido travesti. Uma tenda de pano roto com um teto de remendos, que um cartaz quase ilegível identificava como um teatro de bonecos, de onde vazavam um nauseante cheiro de incenso barato, uma música irritantemente sem sentido e o que pareceu, à distância, ser o choro incontido de uma criança, deu-lhe uma impressão tão decadente que nem se preocupou em verificar de que se tratava. Pensou em entreter o menino com uma de suas incompreensíveis e intermináveis histórias, mas, num rompante interno de autocrítica, que surpreendeu até a ele mesmo, achou que o pobrezinho, depois de aguentá-la por toda uma longa e penosa viagem, bem que merecia ser poupado de sua incongruente catilinária.

O menino realmente gostava do homem, estava orgulhoso de ser visto com tão imponente figura, ainda mais que ambos exibiam reluzente vestuário, e, além disto, experimentava uma exuberante sensação nova, que não sabia que é a que experimenta toda criança ao lado de um adulto a quem chama de pai. Mas o caminhar em círculos sem sentido algum, acrescido ao inesperado silêncio do homem, causou-lhe uma inquietante sensação de mistério. Receava, além de tudo, que essa inútil jornada sujasse de suor sua roupa nova. E que ao suor aderisse a poeira, fina e alaranjada, que não cessava de se erguer do chão.

O surgimento inesperado de um carrinho de sorvete solucionou o impasse. O homem pediu dois, mas o menino, fascinado com aquele estranho veículo, não respondeu qual dos sabores disponíveis desejava, e o vendedor, impaciente, acabou lhe dando do mesmo que o

homem pedira. O gelo ardeu como pimenta na língua do menino que, no seu susto, deixou a casquinha cair. Sem saber mais o que fazer, o homem lembrou-se que, no cubículo onde se instalara, encontrara um canivete deixado para trás por algum ocupante anterior, que passara despercebido à arrumadeira ou fora desprezado por ela, e que estava suficientemente novo para ser oferecido ao menino como lembrança, amuleto e eventual arma de defesa. Entraram no quarto sem maiores objeções da gorda proprietária, na verdade já habituada com cenas semelhantes, do que um olhar de censura. O homem fez o menino sentar-se no colchão descoberto, enquanto foi buscar a preciosidade na bacia em cima do tamborete do canto do quarto. Quando o homem ficou de costas para ele e inclinou-se para a bacia para pegar o presente, o menino ergueu os olhos para o teto, bem perto do qual a viu.

Era desmesuradamente grande, mesmo sendo os da sua espécie conhecidos pelo tamanho incomum. Em seu ressuscitado pânico, porém, o menino a viu maior do que era e ficando ainda maior à medida que avançava sobre ele, sedenta de seu sangue, faminta de suas tripas e ávida de sua alma, embora ela não só estivesse imóvel como sequer o tivesse notado. Seus pelos também eram mais longos do que o normal, e tão próximos uns dos outros que pareciam fundidos. Mesmo assim estavam longe de ser uma impenetrável e reluzente cabeleira negra, que era como o menino os percebia. Suas presas, de fato, eram claramente possantes e tinham um aspecto ameaçador, mas não eram, de modo algum, as foices que o menino enxergava. Suas pernas, quando finalmente se moveram, fizeram-no com tal rapidez que só reforçaram, no menino, a impressão de que eram bem mais numerosas do que as oito da realidade e, nos seus olhos, o menino identificou uma centena de pequenas lanternas emitindo uma maligna fulguração rubra, além de a ouvir dar uma gargalhada que não dera nem poderia dar e sentir, vindo dela, um fedor de enxofre que ela não exalava nem poderia exalar. Gritou lancinantemente, enquanto caía no velho e bem conhecido buraco, que não tinha mais se aberto debaixo de si desde que vira a cobra refestelada ao sol. O suor, que tanto tentara segurar, finalmente empapou-lhe as preciosas roupas e uniu-se à poeira que, inevitavelmente, havia se acumulado sobre elas, na caminhada sem sentido de há pouco, uniu-se à sua urina morna, uniu-se às suas fezes escuras e esfarelentas. Um ombro forte arrombou a porta. A gorda proprietária, rezando alto e rápido, e vários mascates de passagem, empunhando gargalos de garrafas quebradas, mais um velho barrigudo, procurando desesperadamente subir as cuecas para disfarçar uma surpreendente ereção, acompanhado de uma ninfeta mal e mal enrolada numa toalha, irromperam no quarto.

O homem sorriu sem jeito diante desta pequena excêntrica multidão, que o menino imaginaria evadida não dos aposentos contíguos, mas de alguma tela de Bosch, se não estivesse perdido em sua crise histórica e soubesse quem tinha sido Bosch, ansiosa por descobrir por que tamanho marmanjão ameaçava aquela criança com um canivete aberto, mas que, na verdade, estava fechado. Flagrado com tudo contra ele, embora não tivesse feito nada e sequer tivesse ideia do que estava acontecendo, o homem tentou sorrir e achar espaço para uma explicação, mas o gigantismo de seu nariz tornou grotesca e patética qualquer tentativa de demonstrar simpatia.

Sua sorte foi que, enquanto a gorda proprietária e a ninfeta seminua partiram para consolar o menino, o velho barrigudo, sem encontrar resistência, tomou-lhe o canivete, verificou e anunciou para todos que este estava fechado e que, mesmo que não estivesse, não faria mal a uma mosca, pois estava irrecuperavelmente enferrujado, com este anúncio fazendo com que os mascates baixassem suas pontiagudas armas, desfizessem, um tanto quanto decepcionados, o círculo ameaçador à volta do seu pescoço e, junto com ele e com o velho barrigudo, fossem formar outro, protetor e preocupado, em volta da cama onde o menino se estrebuchava, lívido, nos próprios detritos.

A continuada atenção de todas essas pessoas, movidas, na verdade, mais por curiosidade em saber o que provocara aquele delírio do que por interesse autêntico em atendê-lo, acrescida à muralha de segurança que formavam ao seu redor, foi fazendo o menino diminuir a tremedeira, até conseguir erguer um braço e apontar para um ponto onde duas paredes e o teto se encontravam. Um suspiro coletivo de decepção diante de causa tão pouca para tamanha crise, no qual vibrava uma nota de desaprovação pela falta de masculinidade do menino, tomou o quarto. Mais para comprovar aos outros, de uma vez por todas, o quanto era bonzinho, que nunca estivera mal-intencionado e que tudo não passava de um engano, do que para qualquer outra coisa, o homem arremessou o canivete, fechado mesmo, contra a aranha. O pobre animal, que nunca tivera a menor intenção de causar aquela balbúrdia e não tinha nada a ver com as esquisitices dos humanos, esquivou-se a tempo e sumiu pela mesma fenda no teto de madeira por onde entrara, jurando a si mesmo viver cada vez mais entre os seus e reduzir ao mínimo imprescindível para que pudesse roubar alimentos, suas incursões ao reino daquelas feias, agressivas e completamente malucas criaturas bípedes. Ao homem sequer ocorreu a ideia de recolher o canivete caído, e, assim, o menino perdeu a oportunidade de ganhar um presente.

As mulheres pediram pros homens saírem, o que eles fizeram com gosto. Os mascates convidando o homem prum carteadado e ele, louco para confiar a adequadas mãos femininas a condução daquele pandemônio, aceitando mesmo sem saber jogar. O velho barrigudo finalmente dando-se conta do ridículo de sua indumentária e de sua situação e lamentando a irreparável perda de sua extemporânea ereção, voltou para seu quarto o mais discretamente que pôde, e se pôs a esperar a ninfeta. O homem, por mais boa vontade que tivesse demonstrado durante a viagem, e por muito que, no seu decorrer, tivesse se apegado ao menino, queria se livrar o quanto antes dele, que nada era além de neto da conhecida de um conhecido seu, e de suas oscilações inexplicáveis entre medo imprecendente e irrepreensível valentia. Jogou como nunca, perdeu como nunca e só saiu daquele buraco porque as mulheres trouxeram-lhe o menino antes que as últimas reservas guardadas no lenço ensebado fossem entregues à ganância desmesurada de ases, valetes, damas e reis de todos os naipes.

Elas haviam lhe dado um banho, frio mesmo, mas ele só começou a efetivamente recuperar a normalidade num momento em que a toalha da ninfeta caiu e, antes que ela se recompusesse, verificou com satisfação que o púbis dela era saudavelmente depilado. Para fazer completa sua ação filantrópica, elas tinham valentemente esfregado aquelas roupas

imundas, procurando ficar o mais altruisticamente possível alheias ao fedor que a espuma de sabão em pó minimizava, mas não eliminava. Seu esforço neste sentido, verdadeiramente desprendido e intenso, no entanto, revelou-se inútil diante da imensidão e da disposição de agarrar-se ao tecido, nele formando crostas, daquela imundície, e só lhes restou providenciar-lhe uma nova muda, colocando a original num saco plástico para ser entregue à velha, na quase certeza de que ela não poderia lhe dar outro destino senão o lixo. Como as crianças passavam por ali, mas nunca permaneciam mais tempo do que o necessário para serem seviciadas pelos hóspedes, que, aliás, normalmente eram ejaculadores precoces, as mulheres não encontraram nada do tamanho do menino. Assim, quando ele entrou no espaço que poderia, por falta de nome melhor, ser chamado de sala de convivência, onde o homem estava sendo depenado pelos mascates com competente método, não houve quem contivesse o riso diante da figura de espantalho ambulante que fazia, metido em camisa e calças muitos números acima dos do seu corpo franzino. Os tamancos, com lixívia e uma escova de cerdas duras, as prestativas damas haviam conseguido salvar.

Os mascates lamentaram intimamente a interrupção inesperada de sua sorte, a gorda proprietária deu por encerrada sua intervenção benfazeja e voltou às suas rezas, tão abruptamente e por motivo tão fútil como uma aranha, interrompidas; a ninfeta escorregou pra alcova onde a esperava o velho barrigudo, seu macho da vez, cuja virilidade contava, com sua técnica algo intuitiva, algo desenvolvida na prática, algo adquirida num desgastado exemplar do Kama Sutra, novamente despertar. O homem levantou-se da mesa num impulso de afeto sincero que, quando tentou refrear, já era tarde demais, porque se encontrava no meio do cômodo, inclinado para o menino e de braços abertos para ele. O menino sorriu diante de tanta e tão genuína demonstração de simpatia de um adulto para com ele, depois de anos de convivência diária com não outra expressão de sentimento que a incurável alacridade da avó, e caminhou, feliz, para os braços do seu compreensivo protetor, que claramente perdoara-lhe a crise. Mas, a meio caminho do inevitável e impagável abraço, ergueu os olhos e, nos olhos do seu segundo guardião, viu os olhos do burro do primeiro, grandes como pires e fluorescentes como *neons*, e estacou, o sorriso recém instalado em sua face cabocla dela fugindo, assim como o que homem abrira ao vê-lo. O homem se cansou desta insânia tremenda de uma vez por todas, agradeceu aos convivas, tocando de leve o chapéu de cangaceiro, tomou o menino pela mão e partiu para procurar a velha. No trajeto, o menino ainda balbuciou algumas vezes a palavra aranha, aranha, aranha, mas o homem já não lhe fazia caso e mais o arrastava do que o conduzia. A velha não fez o menor esforço para disfarçar sua grande insatisfação com o surpreendente estado das roupas do menino. Perplexa com o insólito da situação, desesperada pelo prejuízo, revoltada com o aspecto com que o menino lhe era devolvido, tendo sido entregue tão galante, expressou em termos inequívocos e nos mais altos brados, tão veementes dúvidas quanto à correção da conduta do homem enquanto o menino esteve sob a sua guarda, que não lhe restou saída a não ser se afastar dali e dar por encerrada – finalmente! – sua missão. O menino sem pai nem mãe e o homem de nariz de anta nunca mais voltariam a se ver.



O homem ainda avistou o barco se afastar no rio, do alto da mesma colina de onde o tinha mostrado ao menino. Se permitiu, finalmente, baixar a cabeça, suspirar um suspiro que fez vibrar, como folhas de palmeira sob um furacão, sua basta cabeleira nasal, e pensar na condução da sua própria vida dali por diante. Foi quando percebeu que o barbante que prendia a sola de sua botina se desamarrara. Maldito engraxate.

*Do Grande Rio de Águas Barrentas ao Prédio; de menino a zelador.*

Na viagem de barco, a velha quase não tivera que preocupar-se com o menino, pois, salvo as inevitáveis ocasiões em que a natureza o obrigava a deixar a rede, permaneceu enrolado nela, sem dar importância sequer à espantosa transição das águas do rio do marrom lodoso para o azul cristalino, sempre com o olhar fixo no vazio e o corpo trêmulo, lavado em gélido suor, o que a velha atribuiu, erroneamente, a um impaludismo que todo mundo um dia tem que ter e que só o descanso poderia curar. Tanto se desgastou nesta travessia inerte, que nem a Capital, esta sim uma cidade digna do nome, lhe causou espanto algum, ao exibir, contra um céu que a umidade da floresta, muito próxima, mantinha perpetuamente cheio de nuvens carregadas, o ameaçador perfil de seus graníticos edifícios.

O máximo da cortesia que o tio teve para com ele consistiu em indicar-lhe o vão debaixo da escada da padaria de subúrbio onde deveria se aninhar à noite, depois de cumpridas as tarefas com que justificaria o alimento consumido cotidianamente, quer fosse à escola ou não. Aquela em que conseguiu ingressar ficava na sala da casa do professor, que obrigava os alunos a irem buscar água para ele numa fonte muitos metros abaixo, para só então se ajoelharem em um dos dois bancos compridos, dispostos ao longo de uma mesa de tábuas, que sacolejava quando eles buscavam reproduzir no papel as letras que o velho lente rabiscava numa lousa verde coberta por indelévelas camadas de giz velho. Não aprendeu nada, não só porque já chegava exausto à aula depois de ter trabalhado na padaria do tio todo o dia, mesmo que fosse domingo ou feriado, e dormido mal, constantemente apavorado pela possibilidade das aranhas, que desde que embarcara no barco, eram a única fonte de seu medo, surgirem no seu úmido leito, e carregado latas e mais latas d'água desde a fonte até a casa do professor, como porque as lições deste seguiam invariavelmente um padrão improdutivo de cópias sem sentido e ele ainda batia nos alunos sem precisar de pretexto. Deixou a escola, mesmo porque o tio não lhe dava o suficiente para pagá-la ou não lhe dava nada. Foi fazendo-se grande, foi ao futebol, mas entendeu pouco e gostou menos ainda; ganhou barba e músculos, moças ergueram as saias e abaixaram ou tiraram as calcinhas para ele atrás de postes ou em terrenos baldios; recusou, constrangido, as de farta pelagem pubiana. Finalmente, livrou-se de um só golpe da virgindade e da fama de homossexual que começava a granjear em seu restrito círculo, ao penetrar, quase ferir, uma empregadinha escrupulosamente raspada. Ampliou a sua compreensão do mundo que, mesmo assim, ainda era infinitamente pequena e equivocada. Frequentou, meio por desencargo de consciência, diversos cursos de alfabetização para adultos, todos praticamente em vão. Chegou a identificar as letras e associá-las ao som que produziam, mas isto foi tudo. O tio cansou-se da sua eterna incapacidade de anotar as compras que o

mandava fazer, de anotar recados, de anotar os pedidos de aperitivos e tira-gostos que faziam, sobre o balcão, os funcionários de uma repartição próxima, ao fim de cada expediente; mandou-o embora depois de espancá-lo com um pé-de-cabra e obrigá-lo a comer esperma. Perambulou pela cidade hostil; sentiu frio, dormiu ao relento; sentiu fome, revirou latas; tomaram-lhe o pouco que tinha, exceto a sacolazinha de palha à qual não deram importância, pois nada continha além de uns caroços ressecados; espancaram-no até prejudicarem irremediavelmente sua audição e privaram-no de todos os dentes de cima e de um rim; de virarem para sempre seu nariz para a esquerda e abrirem uma cicatriz da base do couro cabeludo até o queixo, mas ele, antes de mergulhar na inconsciência, ainda viu os olhos do burro relampejarem no céu e deu-se por feliz por não terem lhe impingido nenhuma aranha.

A plantonista quarentona que o atendeu no hospital se apiedou de seu aspecto famélico e esfacelado, incumbiu-se pessoalmente dele, providenciou-lhe roupas, quis saber-lhe o nome e em que trabalhava ou poderia trabalhar. Quando recebeu alta, levou-o para ser zelador no Prédio onde morava. Tamanho era o prestígio da digna doutora entre os condôminos, apesar de ser casada com um bêbado frequentemente inconveniente, que todos aceitaram este novo empregado sem precisar de maiores referências que a indicação dela. Ele, no que a ela pareceu um esnobismo absurdo de um indigente que recebe, de uma hora pra outra, um emprego que inclusive lhe garantia moradia, pediu para vistoriar os dez andares, de cima a baixo, depois de baixo pra cima, dando especial atenção a escadas, elevadores e lixeiras. Constatou, aliviado, que não havia aranhas. Aceitou, profundamente agradecido, vestiu o macacão de zuarte e começou imediatamente. Mostrou-se discreto, prestativo, ordeiro, obsessivamente aseado, e, por trás de seu irreconstituível rosto e de seu ouvido duro, gentil.

### *Vida, Paixão & Morte no Prédio.*

Já não era o menino, era o zelador. A vida finalmente lhe sorria.

O quartinho, que mantinha asséptico com escrúpulos de governanta austríaca, e pelo qual distribuía estudadamente, quase com algum senso decorativo, seus poucos e pobres pertences, não tinha o menor sinal de bolor, umidade ou infiltração e a ele não chegava ruído de qualquer espécie. A única janela de vidro, na parede ao fundo, tinha sido carinhosamente coberta pela médica com uma cartolina preta, o que impedia que o sol o acordasse ainda mais cedo do que costumava, sem nunca precisar de despertador. Caso se sentisse, no entanto, acalorado, podia abri-la e correr sobre ela, para manter-se isolado apenas da luz externa, mas não do ar fresco, a cortininha franjada de flanela cinza, na qual a médica, verdadeiramente vocacionada em cuidar dos outros, também tinha pensado. Tinham-lhe dado uma televisãozinha preta e branca, que chuviscava, tremia e tinha fantasmas e mesmo assim só se ele acomodasse tufos de palha de aço na antena. Mais do que as telenovelas, que achou irreais e choraminguentas, e que logo percebeu que tinham sempre o mesmo enredo; mais do que os jogos de futebol, esporte pelo qual nutriu sempre

um muito oscilante e nunca arraigado interesse e que não entendia como podia provocar na malta tanto júbilo e desespero; mais do que as comédias estrangeiras, cuja dublagem inverossímil e cujos risos de estúdio lhes causavam profunda estranheza, e nas quais nunca conseguiu achar realmente muita graça, apreciava especialmente os telejornais, acompanhando o de todas as emissoras, mesmo que isto implicasse em varar a madrugada e sacrificar ainda mais as já reduzidas horas de sono. Mas, acima de tudo, encantavam-no os documentários, especialmente aqueles sobre terras longínquas, exóticas e inóspitas, habitadas por animais que, nem em suas fanáticas visitas domingueiras ao zoológico, vira. Por esses programas, chegava a descumprir suas tarefas, hábito que lhe rendeu uma suave, mas firme, repreensão da senhora gorda eternamente de *Bob's* no cabelo, que o esperava para instalar uma luminária, enquanto ele se extasiava com o devastador ataque de gigantescos crocodilos a estranhos gnus, meio bois, meio cavalos. O aposento dispunha – luxo supremo que o fazia sentir-se um rei – de um arremedo de banheiro, chuveiro, pia e latrina acumulados uns sobre os outros, como os elementos de uma natureza-morta cubista. Nele, masturbava-se quase que diariamente, a destra a variar o ritmo e a pressão, enquanto a outra mão segurava uma fotonovela sueca que aprendera a recolher no lixo do juiz solteirão, calvo e entrado em anos. Copeiras, babás, faxineiras e até mesmo as caixas do supermercado próximo cortejavam-no, sordidamente atraídas pela possibilidade de se entregarem a um parceiro tão mutilado. Mas sua insistência em que lhe mostrassem o monte de Vênus antes mesmo que o primeiro beijo fosse dado, as fazia achar que excentricidade tem limite e imaginar que o comportamento sexual daquele homem deveria ser tão aberrado quanto seu aspecto físico.

Habitou-se fácil e docilmente aos seus inumeráveis padrões, pois eram seus padrões todos os moradores daquele Prédio, identificando em cada um os traços de personalidade mais marcantes, que eram indicativos de até onde podia ir. Para a menininha dentuça e míope, tinha sempre um caramelo a ser oferecido enquanto ela esperava o elevador. Na medida do possível, fazia vistas grossas aos amassos do casalzinho de *punks* na área comum, pois sabia que tais excessos não só se deviam aos calores da idade como eram, em certa medida, obrigatórios para os que professavam aquela estranha ideologia de roupas pretas, pulseiras de tachas, alfinetes espetados pela cara e pela língua (como conseguiam se beijar, ainda mais com tanto furor?) e arrogantes topetes mantidos em pé graças a muitas camadas de manteiga. Ao simpático casal de testemunhas de Jeová de meia-idade, escutava com atenção e até mesmo carinho, mas nunca abriu a porta do seu quartinho quando percebia que eram eles a bater, e jogava para um canto os folhetos bem ilustrados que eles profusamente lhe davam.

A todos prestava favores e serviços muito além das suas obrigações, não porque tais favores e serviços desde sempre estivessem implícitos no contrato dele e no de qualquer zelador, mas por boa-vontade mera, por gratidão para com aqueles que o tiraram da sarjeta, da penúria, da solidão. Incrustou-se no Prédio, enfim, como se fosse um dos tijolos empregados na sua construção, incorporou-se à sua medíocre fauna, alistou-se, ainda que periféricamente, naquela imensa família de seres desprovidos de maiores atrativos e sem grandes pretensões na vida.

Nesta plácida e insípida harmonia, foi conduzindo seus dias e muitos e muitos, com suas respectivas noites, se passaram. Até que ele a conheceu.

Trabalhava de doméstica para um jovem casal de psicólogos que passava o dia todo na rua e que lhe confiara cegamente a guarda da casa e de dois gêmeos voluntariosos, aos quais ela verdadeiramente queria bem e que contribuía um pouco para estragar, satisfazendo-lhes caprichos e cumulando-os de mimos.

Era ruiva, por incrível que possa parecer. Mas não do inflamado ruivo escandinavo das esguias mulheres das revistinhas refugadas pelo juiz. Um ruivo de cabelo duro e crespo, inevitavelmente preso, em coque, trança ou rabo-de-cavalo; ruivo mais para cabelo tismado de sol. Lábios, como toda ruiva que se preza, os tinha exagerada e até mesmo desagradavelmente carnudos. Por cima deles, assim como por toda a pele beirando o albino, especialmente a do rosto, esfarelavam-se constelações de sardas de tamanhos variáveis. Os olhos eram verdes, de um verde translúcido, esquisito, e tão provocante quanto as escamas da cobra. Mas há muito que ele deixara de ter medo de cobra. Baixa, cabeça exageradamente grande e pernas, olhando com atenção, finas e curtas em relação ao tronco; busto mais para o grande, mas firme, dispensando *soutiens* e se desenhando protuberante sobre o chitão florido. Indefectíveis manchas de suor rodeavam-lhe as axilas, por mais que tivesse acabado de tomar banho e se encharcado de alfazema, detalhe do qual ele fez pouco caso, inebriado que estava com a excentricidade daquele cabelo e daquela pele, com a rotundidade convidativa daqueles seios duros, e, sobretudo, com uma estranha e quase mórbida atração por aquelas pernas desproporcionais ao corpinho um tanto quanto rechonchudo.

Se o caderno dela não tivesse caído aos pés dele quando ele voltava da padaria com o pão de todos os condôminos e ela ia para a escola noturna, e ele não tivesse se abaixado para pegá-lo, não se teriam percebido, ensimesmados que estavam, ela a lamentar as duas primeiras aulas perdidas por conta de uma inesperada cólica dos gêmeos, que a retivera em volta deles com chazinhos e palavras de afeto, e ele antegozando a noite de orgia que passaria com quatro exemplares relativamente novos de revistas de contrabando.

Naquela noite, o pão chegou um pouco mais tarde às mesas do Prédio, pois ele fez questão de acompanhá-la à escola. Mais tarde, estranhou tremendamente que, por mais que procurasse se concentrar nas lascivas divas das revistinhas, era ela, a pobre empregadinha ruiva, sardenta e suarenta, que insistia em se sentar nua, arquejante e ávida sobre seu corpo estendido no colchão.

Conseguiu se organizar para dar conta de suas tarefas de modo a incorporar-se na rotina de estudante dela. Sem poder entrar na escola e sem motivo em particular para retornar à bem-amada solidão de seu quartinho, perambulava pelo largo em frente até que ela saísse e ele pudesse escoltá-la até o prédio onde ela meramente trabalhava, mas ao qual, talvez por

carência, talvez por afetação, talvez por verdadeiramente se sentir membro daquela família gentil, se referia como sua casa.

Ele logo estranhou uma coisa nela: ao contrário das outras, não ia logo querendo arrastá-lo pra trás de um muro, um banco de praça oculto pelas árvores, uma praia de rio. Na verdade, parecia não estar havendo, entre eles, nenhuma espécie de idílio, e, justamente por isto, estava acontecendo o mais forte que nenhum dos dois jamais experimentara. Para sua grande surpresa, depois que ela o deixou relativamente informado sobre seu emprego e sobre as pessoas para quem trabalhava, das quais transpareceu gostar muito, não voltou mais a abordar temas cotidianos, enfadonhos, banais, conversando mais sobre as coisas que, apesar da flagrante incompetência dos professores mal pagos e da insuportável balbúrdia dos colegas que ela não fazia ideia de por que estavam ali, conseguia aprender na escola; sobre seu sonho de, com o irrestrito apoio de seus patrões esclarecidos e progressistas, logo passar para a escola técnica de assistentes de enfermagem e daí para a faculdade propriamente dita e sobre as aventuras eletrizantes que lia nos livros que pegava na biblioteca que, não fora por esse hábito seu, permaneceria inútil.

Esse ritual prolongou-se durante semanas e durante semanas ela se despediu dele sem nenhum contato. Aos poucos, porém, a estupefação inicial dele com o comportamento dela, inusual na categoria à qual pertencia, foi transformando-se num desejo vulcânico por ela, que fazia com que ele ansiasse ardentemente que as pernas dela se chocassem com as dele, na caminhada pelas ruas estreitas; que ela se adiantasse alguns passos para que ele a pudesse contemplar rebolando; que o lápis dela caísse para que ele pudesse ver a fenda entre seus seios quando ela se abaixasse para pegá-lo. Mas não, nenhum desses sonhos bobos se concretizava e ele, até se desconhecendo um pouco, nunca teve coragem bastante para tomar a iniciativa, sequer oferecer-lhe o braço, sequer estender-lhe a mão. Ademais, muito o impressionou que ela, embora nunca tanto como o seu segundo guardião, falasse compulsivamente. Era um tagarelar muito diferente, no entanto. Ela falava com calma, seu sotaque não soava deslocado, suas frases nunca pareciam apressadas e tampouco eram incompreensíveis, pois organizava seu pensamento com facilidade e falava com fluência e clareza, empregando um vocabulário surpreendentemente extenso, do qual constavam muitas palavras absolutamente inéditas para ele. Ao contrário do que acontecia quando escutava o homem de nariz de anta narrar suas estórias sem pé nem cabeça, ele, exigindo o máximo de seus tímpanos defeituosos, conseguia entender o que ela queria dizer, e, mais do que isto, ela sempre parecia lhe trazer algum assunto novo e interessante, e abordá-lo de maneira absolutamente pessoal.

Ele começou a vê-la durante o sono e acordar lambuzado e febril. Logo passou também a vê-la durante o dia, quando não estavam juntos. Via a mal ajambrada figura dela de pé ao seu lado, nas escadas que varria sem nunca estar totalmente relaxado quanto à possibilidade de surgirem aranhas, como uma Valkíria protetora num traje chinfrim. Via seu rosto grande demais, sardento demais, sorrindo para ele sem mostrar os dentes, refletido na água que ele espargia sobre as lajotas do pátio e sobre a qual a menininha dentuça e míope corria com suas botinas ortopédicas enlameadas, alegre e impiedosa. Via

seu corpo desproporcionado integrado às báquicas cenas das revistinhas, sem nada a cobri-lo que os mais provocantes adereços e destilando uma lubricidade que chegava a constrangê-lo. Mais que a inegável atração física, coisa que nunca tinha experimentado antes por ninguém e muito menos em tão exagerada proporção, no entanto, o assediava o mistério que ela corporificava. Como poderia ser empregada em casa de família e, em meio a tanta roupa para lavar, tanto pó para tirar, tanta comida para fazer, se interessar tanto por tanta coisa ao mesmo tempo? Como poderia ter se inteirado tão bem de tantas coisas do mundo a respeito das quais ele sequer se dera conta? Como conseguira ver, para além da rotina exaustiva de criada, nos mesmos telejornais e documentários nos quais ele não encontrava outro sabor que o de curiosidade, horizontes inéditos de beleza, muito mais ricos e amplos do que ele jamais imaginava que poderiam ter? Quem era, afinal, por todos os diabos, por todas as aranhas e cobras deste, do outro e de qualquer mundo, aquela moça tão incomum?

As respostas para este persistente e angustiante questionamento vieram quase por acaso, quando ela sentou-se inesperadamente num banco, com isto dando a entender que ele deveria fazer o mesmo e que desejava, naquela noite, prolongar um pouco mais o restrito tempo de convivência a que cotidianamente se permitiam.

Sem que ele esperasse, mas para seu mais profundo alívio e em resposta à sua mais íntima prece, ela tomou a iniciativa de falar da sua vida pregressa, o que ele nunca ousara pedir que ela fizesse, um pouco por receio de ser inconveniente, um pouco por conta daquela estranha e incômoda timidez que o sufocava quando estava ao lado dela. Com sua peculiar agilidade com as palavras, deixando transparecer uma certa necessidade de desabafar e até mesmo um compreensível entusiasmo em ser ela mesma o tema da noite, traçou voluntariamente uma breve autobiografia.

Ela e cada um dos seus incontáveis irmãos que conseguiram sobreviver à inanição e à maleita, trabalharam na lavoura desde que puderam carregar uma enxada. Fizeram o mesmo antes deles, e continuaram fazendo depois que todos já estavam crescidos e criados, o pai, a mãe e uma avó, que ela achava, mas não tinha certeza, que nascera do outro lado do oceano. Tanto capinaram e roçaram, semearam e colheram os membros do seu clã, embora a colheita nunca fosse na proporção da sementeira e os ganhos nunca fossem na proporção do esforço, por tantos dias de tão intermináveis anos, que correu, por seu lugarejo natal, a lenda de que era da labuta ao sol que a família adquirira o cabelo acobreado. À força de tanto ouvir esta inverossímil versão para o singular aspecto da sua família, ela acabou acreditando nela, conseqüentemente sentindo vergonha da alegada origem da sua principal característica física e com esta vergonha, sofrendo. Um pouco mais tarde e de uma maneira totalmente inesperada, esta crença, a vergonha surgida dela e o sofrimento que esta vergonha acarretava seriam definitivamente banidos de sua vida.

Aprendera a ler já muito tarde, quando surpreendeu o povo daquelas plagas perdidas a aparição de uma freira, paquidermicamente refestelada sobre uma minúscula motocicleta, a procura de um convento do qual ninguém nunca tinha ouvido falar. Tão chocada ficou a

religiosa extraviada, no entanto, com o analfabetismo endêmico de adultos e crianças, que desistiu do seu destino inicial e resolveu ficar por ali mesmo.

Acomodou-se franciscanamente numa das choupanas coletivas infestadas de barbeiros, pregou um improvisado quadro-verde no tronco de uma árvore, à volta da qual, depois de uma jornada de trabalho digna de qualquer servo feudal e sob intenso bombardeio de fezes de morcegos, os alunos se acocoravam. Logo, porém, a maioria absoluta desistiu da tarefa irrealizável e, no final de contas, completamente inútil para quem tinha sido feito para escavoucar a terra e não para rabiscar o papel. Ela, a ruiva, permaneceu entre a meia dúzia de adolescentes que levaram até o fim o curso elementar – bem elementar – que a freira elaborara. Ao contrário dos outros, no entanto, não o fez impulsionada apenas pela forte mistura de gratidão e ternura que sentiam pela voluntária mestra, mas também e sobretudo pela convicção instintiva de que, na combinação daqueles sinais que ela garatujava no quadro, estava a fórmula para aplacar sua sufocante curiosidade a respeito de tudo que a cercava. Mas, percebendo quão quixotesco era seu esforço e quão insípida era sua vida, a freira trocou o hábito por *jeans*, tênis e camiseta, dentro dos quais mal cabia seu corpanzil virgem, e, retomando seu nome leigo e prometendo quebrar o torturante voto de castidade com o primeiro macho que encontrasse disposto a abrigar-se em suas banhas, partiu na moto, dando gritos catárticos e despudorados, para integrar-se a uma comunidade esotérica que vivia num distante vale, sem luz elétrica nem água encanada, imersa na eterna e sempre baldada esperança de um dia estabelecer um contato imediato fosse de que grau fosse. Não partiu, no entanto, sem antes deixar de herança para ela, sua única aluna verdadeiramente interessada e merecedora de algum investimento, com todo seu carinho, o conselho de que não perdesse nenhuma oportunidade de fazer sexo por causa de santo nenhum e todos os seus livros e revistas, que, mesmo não sendo muitos, ainda assim ocupavam mochila e meia das duas com que chegara ao povoado. A partir daí, nada a fascinava tanto quanto o improvável milagre de ver personagens irem saltando de folhas de papel, onde, na verdade, só havia traços, e se envolverem em estórias de todo tipo, muitas vezes passadas em outras épocas, em outros lugares.

Pressionada por uma seca daquelas que só acontece uma vez a cada dois séculos, a família dela se mudou da roça braba para uma vila, pequena, mas que já podia ser chamada de vila, onde ela ainda pode estudar mais uns dois anos, numa escola pública toda arrebetada, mas que, pelo menos, dava o mingau. Teve a ideia, então, de sair batendo de porta em porta, pedindo publicações de qualquer tipo, que as pessoas não quisessem mais. Tornou-se o assunto da comunidade, foi tida como excêntrica por uns, cuspidada por outros, espancada pelo pai por jogar o nome da família, apesar de tudo honrado, na lama da mendicância, mas conseguiu angariar um acervo surpreendentemente bom, no meio do qual achou uma coleção de fascículos sobre os grandes cientistas, voltada especificamente para as crianças, escrita numa linguagem ao alcance delas e totalmente ilustrada. Leu o número dedicado a Mendel, olhou em volta, viu os cabelos rubros de todos os membros da sua família, procurou um espelho em que se mirar; era ruiva, sem dúvida; eram ruivos todos. A pretexto de fazer-lhe um cafuné, descobriu que era a mesma a cor dos últimos cabelos da avó ainda não encanecidos. Agradecida com o carinho inesperado naquela casa de gente

rude, a avó, aparentando estar lhe fazendo uma concessão muito especial, tirou de entre os seios monumentais e lhe mostrou a desgastada fotografia de um jovem robusto e bigodudo, inconfundivelmente ruivo, apesar do tom sépia da imagem e da pátina de décadas de bolor e umidade. Ajudada pelos beijos que a velha dava, entre lágrimas, naquele pedaço de papel acartonado, ela conseguiu viajar o bastante através do seu hermético dialeto para compreender que aquele era seu avô. E essa descoberta foi uma revelação e um renascimento. Entendeu que as coisas do mundo são movidas por uma lógica inescapável e que para tudo esta lógica oferecia uma explicação, era uma questão de saber buscá-la. O mapa para esta busca, fosse ela qual fosse, estava, tinha certeza, traçado em algum livro, que, em algum momento, em algum país, alguém escreveu.

Fazia apenas dois anos que, num gesto mais de desespero do que de lucidez, a família arriscou tudo numa transferência pra Capital e ela, tendo que ajudar também, só recentemente pudera ingressar na escola, e, mesmo assim, só à noite e porque encontrara uma casa em que não se matava os empregados de trabalho.

Como desenvolvera a capacidade de terminar suas tarefas no menor tempo possível e os padrões tinham lhe franqueado com gosto os inúmeros volumes das várias estantes espalhadas por todos os cômodos, inclusive cozinha e banheiro, ela, assim que o transporte escolar vinha pegar os gêmeos para levá-los ao jardim de infância, usava as tardes para corrigir a defasagem dos anos sem estudo e, no teste de nivelamento, conseguiu ser aceita algumas séries adiante do que seu retrospecto deixaria prever.

Interessava-se por tudo, exceto pelas ciências exatas, que estudava o bastante apenas para poder passar, e aprendera a usar a televisão, desde que escolhidos os programas certos, como complemento das informações que tirava dos livros. A internet usava pouco, pois logo percebera que a maioria dos *sites* eram superficiais, quando não totalmente equivocados. Pronto, era isto. Ele adorou.

Desta noite em diante, ele resolveu escutá-la com ainda mais atenção. Alguma coisa lhe dizia que, se o fizesse, obteria uma satisfação intensa e totalmente nova. E, de fato, através da incrível capacidade que ela tinha de fazê-lo visualizar as coisas, logo se viu viajando por regiões indômitas mais do que fazia diante da TV daltônica e astigmática; visitava estepes mais gélidas do que o sorvete que provara no lugarejo; descobria a foz de rios muito maiores do que o que o tinha trazido até a Capital e percorria vastidões mais desérticas do que a estrada onde tinha se dado o encontro com a cobra. Perdia o peso na gravidade lunar, torrava nas entranhas da Terra e soltava borbulhas diante dos tentáculos ameaçadores de lulas colossais. Via guerreiros com couraças de metal encobertos pela sombra de milhares de setas disparadas contra eles ao mesmo tempo; via mucamas e sinhazinhas no tédio das casas-grandes e escravos supliciados no tronco; via odaliscas melífluas em véus vaporosos, incendiando a luxúria de obesos xeiques, em tendas encravadas em areias intermináveis; via tróicas percorrendo a imensidão nevada, caravelas descobrindo novos mundos, locomotivas ligando oceanos, via confrontos entre piratas e arcabuzeiros; caravaneiros e *cherokees*; gladiadores e centuriões; cangaceiros e macacos da fraqueza do governo.



Sabia, soube-o logo, que gostava dela e que estava perdido nesse gostar. Não sabia, porém, do que gostava mais, se do seu corpo incomum, pelo qual já seria esquisito sentir atração, mas que o atraía enlouquecedoramente, e o qual ela jamais dera mostras de estar disposta a lhe entregar, ou se de sua conversação torrencial, mágica e inebriante. Tanto matutou sobre isto que concluiu o óbvio, que gostava da original e irresistível combinação das duas coisas. Não se declarava, no entanto. Sentia que lhe faltava algo: não sabia ler. A consciência desse aleijão, que ninguém poderia dizer que tinha, só de olhar para ele, o constrangia ainda mais do que todos os outros que não conseguia ocultar do mundo, reunidos.

Finalmente, em uma noite em que ela falou tanto que acabaram chegando ao prédio dela em hora tão avançada que o vigia dormia sobre a mesinha, ela, como de hábito, subiu o primeiro dos três degraus da escadinha que conduzia ao marmorizado *playground*, para ficar da altura dele e autorizá-lo a se despedir. Ele não lhe pediu um beijo, mas que lhe mostrasse o sexo. Ela sorriu um sorriso indecifrável, que, por ser indecifrável, não o deixou saber se era de recatada e escandalizada surpresa, ou de prazer pelo fim de uma espera que começava a se fazer interminável, ou de ambos. Ela entregou-lhe livros, cadernos e estojo, colocou as mãos sob o vestidinho e logo suas calcinhas estavam arriadas pouco acima dos joelhos. Ergueu, então, a saia e do que ele viu gostou muito. Era peluda, sim, e bastante até. Mas era vermelha sua cabeleira e não preta ou marrom. Esta mesma noite, ele a penetrou e ela gemeu muito. No seu clímax, ele viu os olhos do burro incandescerem na escuridão do quartinho, e dormiu.

No dia seguinte, despertou sozinho e sentiu-se constrangedoramente sufocado pelo odor nauseabundo que as axilas dela, borrifadas por um desodorante ineficaz contra a cascadeante sudorese de uma noite de amor, deixaram no ambiente. Ainda levitando um pouco, inebriado tanto de paixão quanto de fedor, botou os olhos sobre as *Desperta!* e *Sentinela* que, por mera gentileza para com o casal de testemunhas de Jeová, acumulara num canto, próximas à sacolazinha de palha que nunca usara para nada, mas da qual, mesmo sem saber por que, relutava em se separar. Num esforço supremo, procurou pescar das profundidades da memória o pouco que o primeiro violento professor e os sonolentos cursos de alfabetização para adultos tinham lhe passado sobre as letras e sobre como juntá-las. Depois de uma meia hora que quase lhe custou uma enxaqueca, acreditou ter pegado o jeito e, tropeçando numa vírgula aqui, escorregando num ditongo ali, leu uma revista de cabo a rabo, o que o fez sentir-se tão orgulhoso e realizado que repetiu a operação até ler todas da pilha. Não se seduziu pelo conteúdo, no entanto. Muito pelo contrário, desde que passara a só sentir medo de aranhas que já não cria em nada que não pudesse tocar, e, preferencialmente, morder, pois aprendera que tato e paladar eram os únicos dos sentidos incapazes de nos pregar peças. Tomou, na beira da cama, café forte preparado no fogareiro a álcool que a médica lhe presenteara, vestiu o uniforme e partiu para o batente, muito mais tranquilo e feliz, muito mais seguro de si.

Começou o dia, para sua grande surpresa, atendendo um chamamento extraordinário do juiz, que anunciou que partia imediatamente, pois dava uma bem-pensada guinada na

carreira, passando a intermediar causas entre indígenas e posseiros, o que certamente lhe traria fama e fortuna. O magistrado declarou querer-lhe muito bem e perguntou-lhe se não gostaria de ficar com sua biblioteca, já que não era possível transportá-la para dentro da selva. A alegada biblioteca, salvo os livros de direito, que não lhe despertaram interesse algum, mas que aceitou para não ofender seu benfeitor, constituía-se de uma velha e um tanto quanto superada enciclopédia, que ele logo viria a devorar, verbete por verbete, em tempo recorde; de meia dúzia de romances regionalistas irremediavelmente datados, mas que constituíram para ele irresistível novidade; de um manual para elaboração de chorosas cartas de amor, que o fez rir de tão ridículo que era; de um atlas escolar com os mapas dos países todos rabiscados, para os quais, no entanto, a força do pensamento em breve o deslocaria, e de uma coleção de clássicos juvenis adaptados e resumidos por ficcionistas nacionais do segundo escalão, por encomenda de uma editora que julgava conseguir popularizar, através deste expediente barato e de resultados canhestros, Defoe, Verne e Stevenson. Com a ajuda do próprio juiz, transferiu tudo isto para o seu quatinho, livrando-se de imediato dos tomos jurídicos, assim que teve certeza que o velusco finalmente viajara. Bateu à sua porta, então, a menininha dentuça e míope, que, tendo descoberto que ele gostava de livros, ao vê-lo, junto com o juiz, transportar tantos em repetidas viagens de elevador, vinha perguntar-lhe se ele não queria sua coleção de contos-de-fadas, que ele aceitou de bom grado, entusiasmado pelas ilustrações, nas quais visualizou não só um, mas vários príncipes, finalmente entendendo a primeira impressão que o homem de nariz de anta lhe causara. Quando, alguns dias depois, a senhora gorda de *Bob's* no cabelo o viu no saguão entretido com aquelas narrativas de ogros e duendes, perguntou-lhe se, já que claramente gostava de desenhos bem-feitos, não aceitaria ficar com uma coleção de livros de arte que ela já não sabia onde guardar. Pouco depois, o marido da médica foi-se embora para sempre, alegando que a culpa era dela, não sem antes o presentear com uma História Universal em doze volumes, com a bela encadernação já apresentando sinais de desgaste.

A essa altura, sua inesquecível primeira noite com a ruiva já tinha se desdobrado num namoro sério, que contava com o apoio de todos os condôminos, satisfeitos em ver que um tão fiel serviçal finalmente encontrara uma moça direita para aplacar-lhe a solidão de desdentado, meio surdo e estigmatizado por uma horrenda e inocultável cicatriz. Uma moça que o empurrava para frente, além de tudo, pois o contagiava com suas ambições, que nada tinham de irrealizáveis, e incentivava-o a ler, a estudar, a crescer. Tão inevitável lhes parecia o pronto progresso do casal que muitos, dentre eles, já se perguntavam onde, como e quando iriam conseguir encontrar outro funcionário tão bom e que presentes deveriam oferecer-lhes na com certeza já bem próxima boda.

Assim que sua escola deu férias, ela amiudou suas visitas noturnas ao quatinho, onde se dividiam entre o sexo e a leitura, até finalmente passarem a dormir juntos todas as noites, mesmo após o reinício das aulas.

Ele gastava nos sebos os extras que fazia lavando carros, uma vez que de moradia já dispunha, que em termos de roupas não tinha maiores luxos, e que sua alimentação, a cada dia, era de responsabilidade de um condômino diferente. Ela dava o mesmo destino às

generosas gorjetas que a jovem patroa frequentemente lhe dava, grata pelo tão sincero cuidado que ela dispensava aos seus indistinguíveis pimpolhos. Quando a senhora gorda de *Bob's* no cabelo os inquiriu se não pretendiam guardar nada para o casamento, ouviu de ambos, e ficou muito satisfeita com isto, a razoável resposta de que pretendiam realmente unir-se, mas só o fariam depois que pelo menos ela estivesse formada, e aí já estariam ganhando tão bem que os pobres trocados que teriam acumulado, em detrimento dos livros que agora lhes davam tanto prazer, mal dariam para pagar uma das muitas noitadas culturais que pretendiam ter, e muito menos uma das muitas viagens para os locais de sonho a respeito dos quais não cessavam de pesquisar.

Certa feita, desfrutaram um prazer quase infantil em registrar-se em tantas bibliotecas quantas pudessem encontrar ao longo de uma ínfima tarde de folga. Descobriram, também, que haviam salas de vídeo mantidas pelo governo que viviam vazias, e nas quais era possível assistir filmes de qualidade, desfrutar do ar-condicionado e ainda trocar carícias bem descaradas sem desembolsar um único tostão. Ficaram atentos a espetáculos de teatro e dança levados em praça pública e à realização de festivais amadores de entrada franca e surpreendente mérito. Iam sempre que podiam a museus e tornaram-se presença muito bem-vinda nas *vernissages*, nas quais surpreendiam mais por não avançarem nos comes e bebes do que pela sinceridade de seu interesse pelas obras expostas, nem sempre acompanhado por uma proporcional compreensão.

Passaram a frequentar os ensaios abertos da orquestra sinfônica e o lançamento de livros nos quais o autor, encantado com o gosto por literatura por parte de jovens de tão baixa extração, normalmente os presenteava com um exemplar em que rabiscava uma dedicatória de cuja pompa canastrona eles, com o espírito crítico já amadurecido de tanta leitura, não tardavam a rir, tão logo se encontravam longe das vistas do gentil, mas incuravelmente provinciano, escrevinhador.

Uma noite, ele a esperou, mas ela não foi ao quatinho. Ao invés disso, fugiu com o jovem patrão, cuja navalha de barbear a patroa pegou para degolar os gêmeos antes de se jogar pela janela, seu corpo de mulher traída e filicida estranhamente descrevendo no ar uma elegante espiral, até produzir, ao despedaçar-se sobre os paralelepípedos, um baque surdo que despertou toda a vizinhança e cujas reverberações estilhaçaram as lâmpadas de dois postes próximos.

Com sincero altruísmo, os condôminos ofereceram-se para qualquer coisa que ele precisasse, mas ele não precisava de nada que pudesse obter, com ou sem a ajuda deles. Passaram a manter, em sua presença, um respeitoso silêncio, cortado apenas pelas inevitáveis saudações de praxe, postura que só pretendiam alterar quando ele desse sinais inequívocos de que seu luto estava passando. Até mesmo os irreverentes e anárquicos *punks* respeitaram este tácito acordo coletivo, abstando-se de fazer as inevitáveis piadas com um homem vítima de semelhante humilhação. Mas a tragédia parecia mesmo ter feito daquele Prédio, outrora feliz, sua morada predileta, pois logo se soube que o juiz fora encontrado nu, pintado de urucum da cabeça aos pés e da cabeça aos pés crivado de

flechas, e, logo depois, que a médica ou tinha se afogado no mar ou fora devorada por tubarões, as versões eram conflitantes. Ele, tanto ao receber uma notícia quanto outra, fez o que não fizera ao se saber abandonado e trocado por outro, não necessariamente mais jovem, mas mais rico, com certeza, e, sobretudo, mais culto: chorou.

Seus internamentos no quartinho, a cada dia mais abarrotado dos livros que ainda guardava da sua época feliz, dos que continuava compulsivamente a comprar, dos que se esquecia ou se recusava a devolver às bibliotecas, dos que os condôminos, mais dispostos a se livrar deles do que interessados em aumentar-lhe o acervo, lhe davam, foram tornando-se mais frequentes e demorados, a ponto de algumas vezes terem que chamá-lo às suas responsabilidades, o que nunca tinha acontecido antes.

Mesmo nos dias de folga, não ia mais aos seus bem-amados filmes e não gastava as noites livres nos eventos de antes. Trancava-se para ler. E lia.

O Prédio, obviamente, começou a entrar em sensível declínio. Mas os condôminos, tremendamente atordoados com as mortes trágicas do juiz e da médica e convencidos da inutilidade de convocá-lo, diante de seu tão profundo e prolongado pesar, do qual muito se condoíam, para que desempenhasse suas tarefas, ainda que não com o mesmo esmero de antes, foram-nas assumindo eles mesmos, o que foi, evidentemente, insuficiente para evitar que as latas de lixo se acumulassem, cheias, fedorentas e cercadas por nuvens de insetos, nas escadas de incêndio há muito não varridas; que os elevadores parassem com frequência e que as lâmpadas queimadas e vidros e espelhos partidos não fossem substituídos; que uma sebosa crosta se acumulasse sobre o piso do *hall* e que as plantas, salvo os cactos, muito acostumados a prolongadas estiagens, murchassem nos seus caqueiros.

Nesse ínterim, aproveitando o presente que lhe fizera a senhora gorda de *Bob's* no cabelo, ele devassava a história da pintura desde as cavernas até a contemporaneidade. Na verticalidade dos apóstolos dos mosaicos bizantinos, viu a cobra ereta a impedir-lhe a passagem; percebeu que seu banheiro bem podia ter sido concebido por Picasso ou Braque; descobriu que era de fantasma de Munch o aspecto do seu segundo guardião, ao ouvir o pio lúgubre do rasga-mortalha, e que em muito se assemelhava, a turba que invadiu o quarto, quando ouviu seus gritos de pavor provocados pela aranha, àquela que Bosch pintou cercando Jesus a caminho do Gólgota. O reboco das paredes rachava e caía, mas ele se atirava sobre filosofia, filósofos e escolas filosóficas; entendeu o que era o cinismo e finalmente compreendeu que era de cinismo o olhar do seu companheiro de viagem, que, há tantos anos atrás, ele não conseguira definir. O encanamento estourou, quase afogando a solitária senhora gorda de *Bob's* no cabelo, enquanto ele se inteirava de geografia, visitando os aborígenes da Austrália, compreendendo a estranha aerodinâmica de seus bumerangues e comparando-a à das esquisitas bolas de *rugby*, que conheceu nas mesmas páginas do manual em que finalmente entendeu as regras do futebol, mas cuja leitura não só não o fez se interessar em absoluto pelo rústico jogo da bola oblonga, como o levou a desgostar-se definitivamente do esporte bretão e, ainda por cima, a desprezar o tênis, por julgá-lo efeminado. Descobriu que era de jiu-jitsu o golpe que tinha aplicado no pescoço da

raposa e achou tanto esforço gasto na elaboração de tão violenta técnica uma tremenda estupidez. Leu Darwin, Einstein e Hawking e entendeu como e porque o universo funcionava, e pareceu-lhe tudo absurdamente simples, tão simples que não pode atinar como o casal de testemunhas de Jeová perdia seu precioso tempo com absurdas elucubrações. Mas não se dispôs a sair de seu quartinho para explicar o que tinha aprendido a quem quer que fosse.

Os elevadores passaram a funcionar só muito esporádica e precariamente, a reserva de água nos tanques atingiu níveis alarmantemente baixos e povoou-se de amebas, a lâmpada do seu quartinho queimou. Substituiu-a pela do banheiro, que também queimou. Não se deu ao trabalho de sair para providenciar uma terceira, passou a ler à luz das poucas velas que lhe restavam. Ao procurá-las, encontrou sua velha sacolazinha de palha e resolveu, finalmente, vasculhá-la, na esperança de encontrar algum volume perdido. Só achou sementes esturricadas, que jogou a esmo por sobre a cordilheira de livros que se acumulava por cima da mesinha de dois pés, encostada na parede do fundo, e ao longo desta, cobrindo completamente a única janela; se acumulava, também, contra as outras três paredes, em fileira tripla; se acumulava em cima e dentro do armário em que guardava suas poucas peças de roupa, obrigadas a compartilhar com mais livros o espaço a elas reservado. Há muito que esta imensidão de papel obstruía o banheiro e soterrara a TV caquética, quase não lhe deixando por onde se movimentar e impedindo que a porta, que poderia ligá-lo ao exterior, fosse aberta. Terminou o dia quando terminou *Mein Kampf*, se perguntando, em meio à sua avassaladora melancolia, como semelhante imbecil pôde pisar sobre a Terra. Dormiu com um agradável cheiro de mofo de livro velho impregnando tudo.

Ao acordar, o odor tão caro às suas narinas tinha sido substituído por outro, estranhamente familiar. Acostumou-se rápido à penumbra, como fazia todos os dias, ao despertar, e vislumbrou, espalhadas pelo quarto, aglomeradas umas por cima das outras e por cima dos livros, entrincheiradas sob e sobre sua cama, penduradas do teto, atafulhando o banheiro, abóboras bem suas conhecidas. Não lhes deu a menor importância, comeu uma delas e retornou à leitura.

Lutou diante da sagrada Ílion, indiferente à ferrugem que consumia a caixa de correspondência. Levou vinte anos para retornar a Ítaca, cegando o olho único de Polifemo pelo caminho e também decapitando a Medusa, para não perder tempo, enquanto a pintura externa se cobria de limo e fuligem. Fundou Roma, ao mesmo tempo que cogumelos brotavam no tapete da portaria. Maravilhou-se com as gestas sobre a tábua redonda, sem se preocupar se os gaviões faziam ou não ninhos nas antenas parabólicas, e sentiu-se em retrospecto um Arthur de Excalibur em punho, quando enfrentou a cobra armado de um toco galho. Caçou moinhos na Andaluzia, acompanhado de um gordo sonhador. Fez-se íntimo de Shakespeare, sentindo-se estranhamente identificado com Iago e achando Otelo um grande otário; lamentando o azar de Romeu quando a espada de Teobaldo feriu Mercúcio e lamentando o de Mercúcio mais ainda, sem dar-se conta de que a maioria dos condôminos tinha abandonado seus apartamentos e que os que permaneceram não tardariam a segui-los. Manteve ligações perigosas com Julien Sorel, enquanto as ligações

do interfone permaneciam sem ter quem as atendesse; foi preso com Jean Valjean, fugiu com Monte Cristo e tornou-se venezuelano como Papillon, enquanto a menininha dentuça e míope ficava presa no elevador de serviço, de onde só foi tirada com ajuda dos bombeiros; tornou-se o quinto mosqueteiro no exato momento em que a senhora gorda de *Bob's* no cabelo desejava que ele e seus malditos livros fossem, de uma vez por todas, para o quinto dos infernos. Riu com Balzac e com cada um dos membros da interminável corte que sua mente criara, com eles povoando a aldeia de Tolstoi, enquanto o Prédio se despovoava. Chorou penalizado pelo pânico de Dostoievski diante do pelotão de fuzilamento, penalizado por seu exílio da Sibéria, por vê-lo consumido pelo vício do jogo, sucumbido por um ataque epilético. O casal de testemunhas de Jeová chorava pelo juiz e pela médica; pela ruiva e pelo adúltero pai dos gêmeos; pelos gêmeos e pela mãe dos gêmeos, chorava por ele. Subiu e desceu a Montanha Mágica com Hans Castorp, inútil e desesperadamente buscando o tempo perdido. Metamorfoseado em barata, vagou por vinte e quatro horas por uma cinzenta e úmida Dublin. Sentiu como se fosse sua a decepção de Orwell e o julgou mais atual do que nunca. Junto com Macunaíma e Juca Mulato, se fez invisível como Garabombo, para que pudessem, os quatro, como insólitos novos cavaleiros do apocalipse, passear imperturbados por Macondo. Beijou uma mulher aranha, mas só porque seu púbis era angelical. Caçou avalovaras com o Caboco Capiroba e com ele dividiu pedacinhos moqueados de holandeses assassinados a sangue frio (mas não se mata cavalo?). Embriagou-se com os Inconquistáveis por Gallinacera e Mangacheria; botou o pé na estrada com Kerouak, jogou amarelinha com Bukowsky pelos *dumps* de Los Angeles, substituiu-se com Gutiérrez no que sobrara de Havana. A moça *punk* sentava-se, de pernas desesperadamente, sofregamente, avidamente abertas, sobre o moço *punk*, deitado semidespido na escada não vigiada. Desejou um feliz ano velho para Cristiane F., dormiu sonhando com Lolita rebolando sobre ele e acordou mais cansado de guerra do que Tereza Batista.

Seus ouvidos foram acionados primeiro que seus olhos, pois, enquanto esses ainda se esforçavam para se habituar à treva, aqueles, embora aleijados, já percebiam um ruído estranho, ao mesmo tempo longínquo e próximo, um tamborilar minimamente audível e ritmicamente repetido, como se milhares de minúsculos pés percutissem as capas de seus amados livros. Não precisou acender nenhuma vela para perceber do que se tratava, mas o fez para poder ler. A chaminha tímida bastou para revelar os cortes profundos e largos na casca de todas e de cada uma das abóboras, de onde elas saíam aos borbotões; bastou para desenhar-lhes os contornos felpudos, bastou para projetar-lhes as sombras mefistofélicas pelas paredes.

Ao contrário da que vira no lugarejo, essas eram das mais variadas cores, roxas, azuis, rosas e cinzentas; eram também maiores, se bem que muito mais magras, e a quantidade de pernas, muito esguias e compridas, parecia ser bastante superior às oito habituais. Suas presas pareciam menores, mas estranhamente mais ameaçadoras, talvez porque a calma gélida que seus olhos transmitiam só pudesse ser um prenúncio de morte muito mais óbvio do que o canto fanhoso do rasga-mortalha.

Começou a ler e constatou, satisfeito, que já não sentia medo, que nada no mundo jamais poderia provocar-lhe medo, que sequer sabia o que esta palavra significava.

Elas pareceram aumentar em número, como se as que até então tinham permanecido ocultas pelos livros finalmente tivessem perdido a timidez. Como um interminável exército de seres multicores, uma massa compacta de pelos, foram fechando o cerco em volta dele, que, placidamente, lia no centro do quatinho, iluminado pelo facho dançarino de sua última minúscula vela, que fincara numa abóbora da qual retirava grossos bocados com a mão que não segurava o livro, levando-os à boca e mastigando-os ruidosamente.

Leu que nenhuma estirpe condenada a cem anos de solidão poderia novamente vagar pela terra, comoveu-se com a beleza da frase e de todas que haviam vindo antes dela. Suspirou, fechou respeitosamente o livro e soprou a vela. Viu, então, os olhos do burro fulgurando demoniacamente na escuridão, percebeu que, desde sempre, tivera um encontro marcado com ele. Um encontro do qual não poderia escapar.

Quando o cheiro de podre extravasou o quatinho e tornou a área comum do prédio irrespirável, os poucos condôminos remanescentes, ajudados pelos mendigos que haviam invadido os apartamentos vazios, forçaram a porta, se desviaram da avalanche de papel que desabou sobre eles, passaram por cima de brochuras, folhetos e portfólios; escalaram compêndios, tratados e catálogos; jogaram longe gibis, panfletos e hagiografias.

Encontraram-no ainda em seu macacão de zuarte, carcomido entre livros e traças.

A elaboração desta novela só foi possível graças aos trabalhos pioneiros de  
Sigmund Freud, Carl Gustav Jung & Jack London  
GLP